GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

OS FUTUROS PAIS DA PATRIA

Os PAPAGAIOS — Desta vez a degola vai ser tremenda. Nós vamos lutar contra dois *machados*.

CURA ASSOMBROSA !!

COM O

ELIXIR DE NOGUEIRA

Lobato Castello Branco

Exmos. Snrs. Viuva Silveira & Filho.

Rio de Janeiro

Cordeaes saudações

Venho com o meu retrato a presença de VV. SS. patentear a exuberante prova de prodigiosa cura do maravilhoso «ELIXIR DE NOGUEIRA» do muito digno Pharmaceutico chimico Sr. João da Silva Silveira.

Pois desde de 1897 que soffria de umas manchas negras em parte do corpo, e logo no começo, nos primeiros annos fiz algumas consultas e tomei diversos depurativos sem que tivesse obtido resultados. Casualmente no anno de 1912 lendo muito distrahidamente um folheto deparei com um annuncio do milagroso «ELIXIR DE NOGUEIRA» e resolvi tomal-o, ficando completamente curado com o uso de 6 vidros.

Aproveito, portanto, a occasião para enviar os meus votos e agradecimentos pelo resultado que obtive.

Podem considerar-me como um dos vossos devotados propagandistas e dispor de minha pessôa como tal.

Podem fazer da presente o que melhor lhes convier.

Lobato Castello Branco.

Amazonas, Rio Purús, Metaripuá, 24-10-914.

Este grande depurativo do sangue, vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de campanha ou sertão do Brasil e Republicas do Prata.

CASA MATRIZ

Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

NÃO SE DESCUIDE DESSA TOSSE

Tome cuidado com as constipações. Por mais insignificantes que pareçam, são muitas vezes o prenuncio de males bem maiores. Uma influenza mal curada é muitas vezes

O CAMINHO DA TUBERCULOSE

A sua imprevidencia num caso desses não poderá ser desculpada, pois que está descoberto o especifico da grippe : o

ALLIUM SATIVUM

que repentinamente faz desapparecer o estado febril, dores no corpo, enfraquecimento, defluxo, — todo o cortejo symptomatico da influenza.

GUARANESIA

(Anti-acido poderoso)

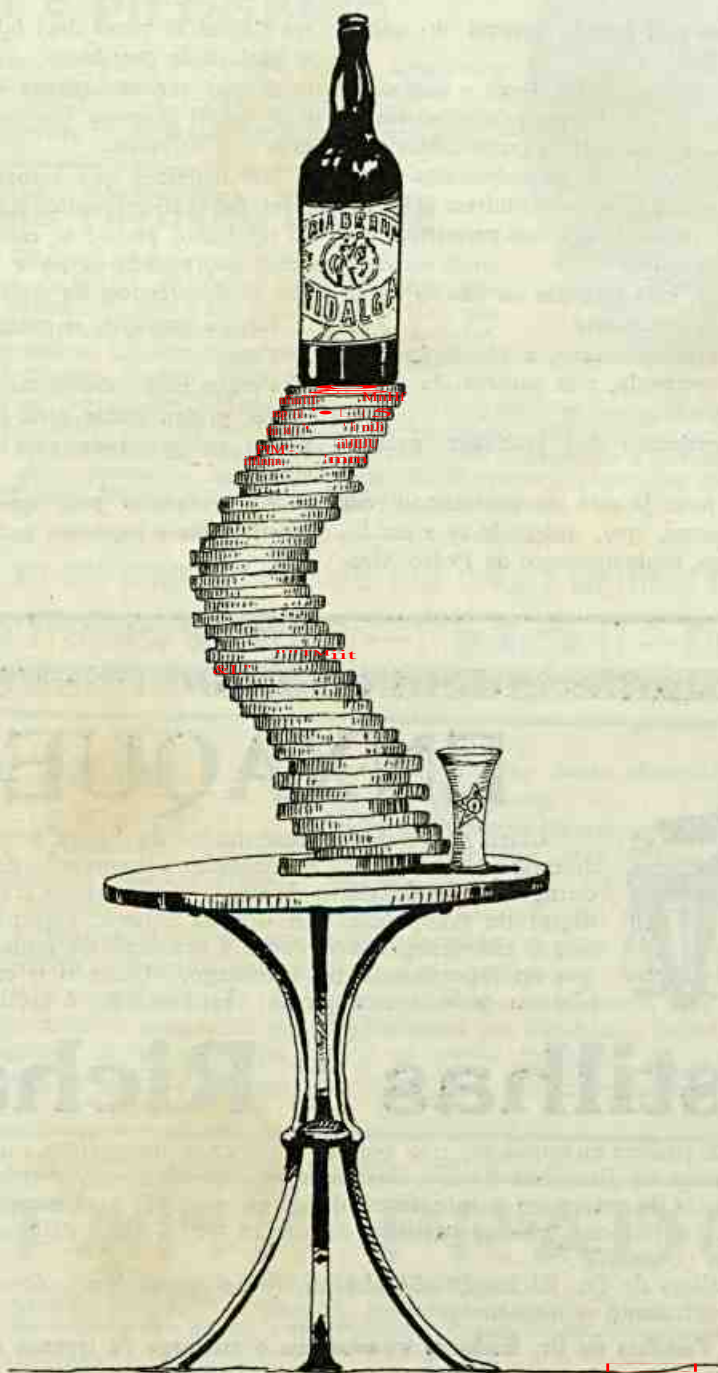
PARA O ESTOMAGO, INTESTINOS E CORAÇÃO

VELHICE!

Alcance maximo da vida! Ponto em que rememoramos com saudade os tempos idos... olhando o futuro que nos sorri, confiantes no effeito da Guaranesia.

Depositarios : — **Campos Heitor & C.**

URUGUAYANA N. 35

Em todas as pharmacias

OS GUARDA-PÓS

Nada, nem a mulher, é mais voluvel do que a moda.

A moda, fez as sáias variarem desde o balão, até o «jupe-culotte»; as calças bocca de sino se transformarem em estreitas e curtas; os incommodos chapéos de abas largas mudando os indiscretos olhos de nossas gentis senhoritas se substituirem pelos reduzidos e elegantes chapéos que nos permittem ver os seus formosos rostos.

A' qualquer moda, seja elegante ou não, o nosso povo se adapta immediatamente.

Nos casos acima mencionados, a adaptação é logica, necessaria e commoda, mas noutros, ás vezes, é até prejudicial.

Haja visto a extincção dos saudosos guarda-pós.

Hoje em dia, o povo já está tão conformado com o seu desapparecimento, que, referindo-se a um individuo muito antigo, contemporaneo de Pedro Alvares Cabral, ás vezes diz: fulano é do tempo em que se viajava de guarda-pó.

A não ser os inglezes ou outra gente fleugmatica, mais ninguem usa hoje guarda-pó, só porque está fóra da moda.

Um individuo que embarca na Central principalmente, se estiver vestido de branco, verá o seu «rico terninho», preto; se este já foi preto ou de côr, ficará impregnado de pó e queimado pelas fagulhas que se desprendem da machina.

Nestas condições o guarda-pó presta inestimaveis serviços.

Porque então abandonal-o?

Eu, prefiro andar fóra da moda — com guarda-pó, a conformar-me com sua injustificavel extincção.

E' necessario pois que uzemos novamente os inestimaveis e saudosos guarda-pós.

COLOMBO

Loquacidade feminina

Todos accusam as mulheres de faladoras. O sabio autor das *Harmonias da Natureza*, Bernardin de Saint Pierre, defendeu-as perfeitamente ponderando que se as mulheres não tivessem innatamente aquella tendencia, ellas, que são as nossas mães, as primeiras mestras, e por muito tempo a companhia natural e quasi unica da puericia, de modo nenhum, ou só muito tarde colheriam as creanças a linguagem que em razão dessa abençoada loquacidade se aprende rapidamente.

Se as mulheres fossem taciturnas, quem distrahiria os homens dos seus graves cuidados ? e quem lhes mitigaria a aspereza nativa ? — «Deixae estar tudo que a natureza fez ; e ás mulheres agradecei a sua loquacidade, como a sua fraqueza e timidez, como a sua curteza de comprehensão para certas sciencias, como a importancia que dão ao que nós desdenhamos por minucias e futilidades.»

O tal senhor Bernardin de Saint Pierre é dos que conseguem morder e soprar ao mesmo tempo.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 346 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 6 — FEVEREIRO — 1915 — ANNO VIII

POLITICA

As ultimas eleições, para renovação de mandato legislativo, ás camaras federaes, vieram demonstrar ainda uma vez as falhas praticas do regimen vigente. Ninguem no Brasil se illude com o resultado desses pleitos. Falta-lhes o concurso da opinião nacional, da verdadeira, da grande opinião, da que se funda nos interesses essenciaes do paiz e resume as varias correntes de ideias predominantes no seio do povo.

Entre nós, a politica, avassallada pelos corrilhos, não se differenciou em partidos de principios. Não ha programmas, não ha bandeiras, não ha ideaes. Os elementos conservadores isolam-se na sua esphera particular de actividade; o radicalismo descamba para uma vaga propaganda platonica, sem applicações; ainda se não organisou a opinião média, que em todas as democracias serve para ligar ou neutralizar, segundo os assumptos e os factos, os conceitos extremados de reacção ou progresso. Em taes circumstancias, a lucta das urnas ficou entregue aos *politicians* sem escrupulos e aos seus *capangas*.

Proval-o-ia um rapido exame do nosso eleitorado, se não o dispensassem os acontecimentos, aqui verificados todas as vezes que os cidadãos são chamados ao cumprimento desse dever.

Remedios para o mal? Estão de ha muito indicados. O que determina a abstenção, eleitoral, — disse-o conhecido publicista nosso, de responsabilidade na vida do regimen, — é a falta de confiança no resultado dos pleitos. Ora, parodiando outro ensaista, esse extrangeiro, poderemos attribuir semelhante suspeita ao *envenenamento constitucional* de que vamos morrendo aos poucos. A má interpretação de todos os textos legaes, o desrespeito ás garantias civis e politicas, a ambição de mando, a ausencia de programmas, tudo isso havia de produzir ao cabo de algum tempo o retrahimento lamentavel do eleitorado livre. E que extranheza causará a violencia grosseiramente partidaria dos arrebatamentos de urnas e das actas falsas?

Findou a primeiro acto da comedia. Está corrido o velario. Mas não tarda a apuração e o reconhecimento de poderes. Quando o panno subir de novo, assistiremos divertidos ás duplicatas, ás triplicatas, ás quadruplicatas. Esses motivos comicos abrirão a nova phase da nossa vida legislativa...

São Sebastião

Procissão de São Sebastião, no Morro do Castello

A ultima sóva

Terencio Fernandes é um bom cidadão, um modelo de cidadão, um cidadão digno de outra republica, — da Republica dos seus sonhos, com maiuscula. Sim, que elle pertenceu á Propaganda (tambem em caixa alta). Naquelles tempos de sonho, Terencio era um dos socios contribuintes do Centro Republicano, assignava todos os jornaes do partido, contribuia do seu bolso para foguetes e bombas nas commemorações civicas e palmeava no theatro ou nas praças a todos os oradores que desejavam «enforcar o ultimo rei nas tripas do ultimo frade.» Era um abnegado: berrava nas ruas, berrava em casa, berrava na repartição; e de gravata encarnada e chapéo de abas largas, revolucionariamente quebrado, impunha com insolencia na rua do Ouvidor a *Idéia Nova*. Quando elle passava, era a Revolução que passava. Lopes Trovão conhecia-o, Silva Jardim chamára-o um dia de «filho do Povo» e o proprio Quintino lhe déra algumas vezes a honra da mão finamente enluvada. Num comicio da Gavea pregára um dia a operarios boquiabertos a barricada salvadora e na *Flammula*, orgam incendiario, assignava Marat. Datam dahi os seus primeiros infortunios. Tendo atacado um coronel da guarda nacional, foi demittido; a seguir, a Rosinha Mendes, que elle amava com ganas, bateu-lhe a janella á passagem; e, afinal, num conflicto com a *Guarda Negra*, desabou-lhe sobre as ilhargas tamanho temporal de pancada que durante dois mezes esteve na arnica solitaria do seu quarto de heroe sem emprego e estropiado.

Quando se proclamou o novo regimen, não jantára na vespera, nem almoçára no dia, tinha o casaco russo e as calças em remendo, manquejava e perdera tres dentes a murro no assalto dos pretos. Durante o Governo Provisorio, nada lhe deram. Perdido na massa dos adhesistas, foi esquecido. Mas amava a Republica. Era moço. Resistiu, guardou a gravata vermelha, passou a uzar chapéo de palha e empregou-se como guarda-livros numa empreza porticular.

*

Depois, os horizontes turvaram-se, como elle dizia. Alvoreceu 93. Veiu o Terror, e Terencio Fernandes vibrou commovido. Foi um dos enthusiastas da Legalidade. Posto na rua (o patrão morria de amô-

res pelo Custodio), o republicano entrou para a milicia civica. Sentia-se com vocação para apostolo e martyr. Correu ás trincheiras. Uma bala no braço, logo amputado, reteve-o longamente no hospital. Quando já estava quasi bom rebentou em plena sala uma granada revoltosa e um dos estilhaços vazou-lhe um olho. A' sahida, sem emprego, tôrto e maneta, Terencio conheceu com as amarguras da miseria o supplicio do ridiculo. Approximava-se o governo dos Conselheiros, ahi vinha o *Biriva*, não alimentava nenhuma esperança e no seu bairro (oh! dôr!) recebera o appellido de *Camões*.

*

Mas esse homem era um patriota de tempera e não desanimou. Longe disso! Na sua magoa, elle começou a pensar em dias melhores para a Republica, a outra, a verdadeira, a dos seus sonhos. Adorava-a como outr'ora, lyricamente e, nos limites da profissão que abraçára, porteiro de um *club* (chegára a isso, aquelle veterano!), preparava-se para novos sacrificios em pról dos seus ideaes. Annos passaram; foram-se os conselheiros; sobreveiu o hermismo. Terencio Mendes rejubilou. Eil-a, a cruzada messianica!

— Agora, sim, agora, sim, rapazes! A Republica está ahi! Viva a Republica

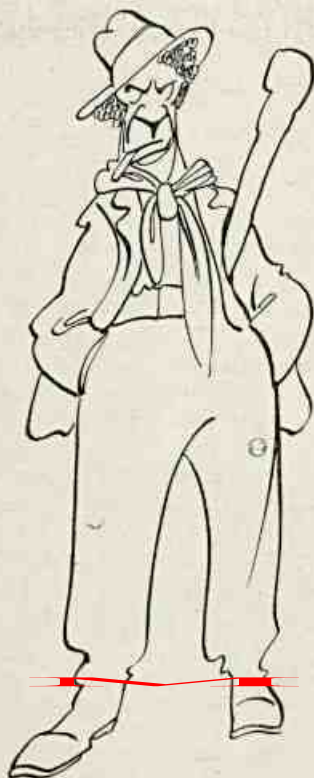
Mas a decepção foi immediata. Terencio desagradou, não arranjou nada, passou despeitado para a opposição. E o seu caracter irritou-se. Sentiu-se velho, fatigado, exhausto. Ai! a Propaganda! Como iam longe aquelles ditosos tempos! Afinal, reagiu, tentou um ultimo esforço, apresentou-se ao Irineu, tornou-se cabalista, trabalhou como um desesperado na ultima eleição. E foi ella, senhores, que inspirou esta chronica. Terencio Mendes levou no dia 30, defendendo uma urna, nos suburbios, a sua derradeira sóva. Desta talvez não se levante. Foi de derrear...

Sabedor do facto e admirador do grande democrata, fomos hontem levar-lhe os testemunhos da nossa solidariedade patriotica.

— Então, mais uma vez, amigo Terencio... Felizmente não é esta a Republica...

— Republica, vociferou o patriota, revolvendo-se no leito, — Republica? Viva Sua Magestade D. Pedro II!

PLUTARCHO

Scenas eleitoraes

A voz do mesario — General Tromposky.

O Eleitor — Sou eu!

O cerebro humano é como o oceano: tem tempestades. O pensamento é a vaga.

JULIO RIBEIRO

QUADRA GAÚCHA

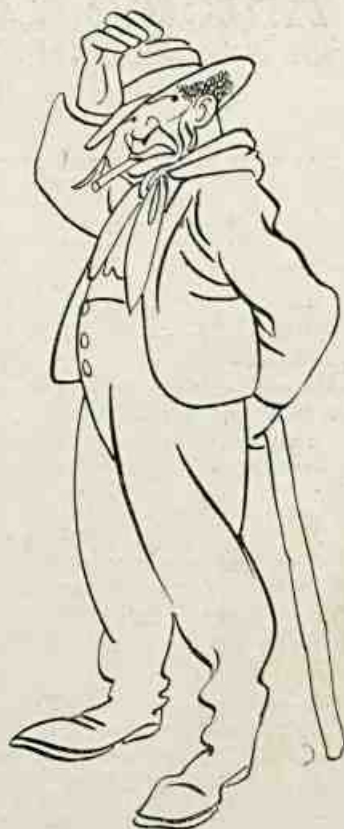
Quero porque te quero
Por gosto te tenho amor
Ninguem me rege a vontade,
Porque della eu sou senhor.

Themistocles antes de ter attingido a celebridade tinha amizade a um rapaz que escarnecia e fazia pouco delle; quando se tornou poderoso foi procurado por elle mas o grande general desse-lhe:

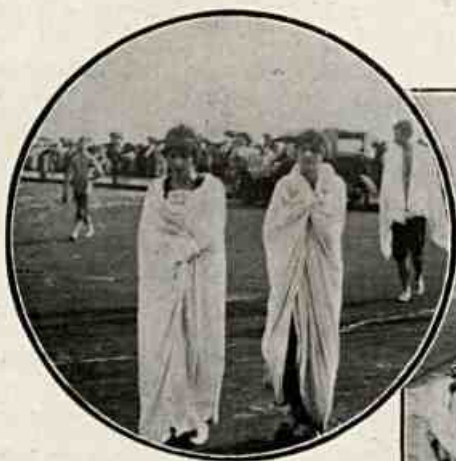
— Ambos nos tornamos mais sensatos, demasiado tarde, porém.

QUADRA GAÚCHA

Não ha potro que eu não *munte*,
Não ha touro que eu respeite,
Não ha indio que me assuste
Nem china que me regeite.

Scenas eleitoraes

A voz do mesario — Dr. Clovis Bevilacqua.

O eleitor — Presente!

Demodes, o orador, na sua mocidade era conversador e amigo de comer. Antipater dizia delle que era como nos sacrificios, só ficava a lingua e o ventre.

Eis a traducção de um dos disticos de Catão, por Manuel Bernardes:

Não te esqueça de ser louco
No tempo e logar que cabe:
Quem faz então que não sabe
Por certo não sabe pouco.

Antonio Carneiro

(A figura e a esthesia)

Vejo-me numa sombra lilaz, longinqua, os olhos adormecidos em cinza ignota e aromal, presos á fronte como duas illuminuras exquesitas de Chasseriau sobre o marfim dum santo livro de hóras, na estéla devota de uma sala muito silenciosa, com espelhos e gravuras a recordar...

Quasi sem o gesto que é vóz de carne magoada pela ancia interior da expressão unica, o gesto arredondado em amphora de Carrière, transbordando e recolhendo, o gesto que é uma caricatura do que as mãos não souberam revelar, a sua quieta imagem parou na minha frente.

E eu perguntei a mim mesmo si aquella figura era ainda alegoria, si o contorno humano que a vestia não era illusão das retinas já illuminadas na apparição que que as deslumbrava.

A face cavada nas orbitas e o arco intenso dos supercilios sombreando a concha suave das palpebras, os cabellos numa pasta a cobrir os parietaes, desnudo o craneo ao alto, toda em penumbra d'olheiras e manchas francas d'olhar penetrante estava ali, a cabeça de Nerlaine rara, banal e estranha a me fascinar.

Depois, linha a linha, curvaturas e planos osseos foram amortecendo, uma névoa diluia, aos poucos, a agudeza do modelado. Não eram mais fórmas tangiveis que estremeciam, a bocca perdera o amargor e a ironia; do angulo das narinas corriam dous sulcos que vinham pousar nas comissuras de um outro labio scismatico e desenganador, differente do primeiro, menos ingenuo, mais cerrado, mais irmão do que pensava e não dizia e a esculptura de Anthéro, quebrada por um sopro de vida imaginaria moveu-se deante de mim, simples e acolhedora.

Aquella silueta soffria o arrependimento leve de um sorriso, esbatida em seus lineamentos, como si da agua tremula d'alguma fonte exsurgisse.

Um sangue de velha raça floria-lhe a expressão e, ao mesmo tempo que a conquista o renovava a cada instante, a saciedade consciente de quem vio todas as cousas, de quem as tocou e as prendeu nas mãos mysteriosas arrastava-o para a outra idade.

O desejo já é uma emoção realisada e naquelle sangue dominava um extase de quem viajou por muitas almas sem se deter a observal-as, mas aspirando-as, sugando-as, como um perfume que se escapa da sombra embriagando, e cuja procedencia não nos interessa. A conquista era um momento e a serenidade de vinha logo partil-a na ancia que brotava e desapparecia.

No corpo fragil e humilde a recortar o ambiente, andava um timbre d'aristocracia e plebeismo, de galanteria sceptica e bonhomia confiante. Cada musculo que se adivinhava era uma aza a bater, livre e cativa no seu vôo rythmico.

E a voz, por fim, quebrou o incantamento, animou palavras de sabôr ignorado, doirou-as no ar attonito, deixando tombar como da bocca de um cofre persa a myrrha e a pedraria de um paiz onde o acantho e a videira, as columnas caneladas e as cassolêtas de ambar vivessem, lado a lado, o mesmo sonho de volupia e gloria.

Não lhe senti o maneirismo, nem a sua attitude perdeu a harmonia primitiva. Sóbrio como um heróe de Renoir devia ter impressionado fracamente o colleccionador de anedoctas e os pallidos chronistas de gazeta.

Os bravos senhores que commentam pouco terão a dizer de Antonio Carneiro. O lago Lemano, as gondolas com as prôas encurvadas, a igreja de San Marco e outros motivos de decoração economica, as bayadeiras e os pastiches de Declaroix com que em terras de provincia ganha-se ouro e fama não lhe tentaram os pinceis. Deus seja assim sempre! Sinão já uma

litteratura sem entranhas teria grassado sobre os seus habitos e o seu temperamento. E Antonio acabaria *pintando com sentimento* e sendo um *bello causeur...*

Mas sua obra não é uma transposição do que os outros percebem e, por isso, não depende e não se ajusta a ninguem. E' elle mesmo. E a vida não é um *assumpto* é a propria essencia que a perpetúa.

O artista não *vê* a paizagem nem o reflexo das figuras ficsadas, vive com ellas, respira nas suas fórmas, enche-lhes o colorido com o calôr do seu genio e, todo o momento que elle traduzio não *actuou* sobre si mas nasceu, rompeu do seu instincto creador.

E' que elle vai para a natureza, sáe do seu espirito, portanto, do que não existia como realidade, daquillo que só elle conhecia, para enclausurar no minuto circumstante o pensamento que o guiou.

Fóra delle tudo é inanimado ; o milagre nasce da sua idéa.

A exacta noção dos valores, a gamma unida em leves correspondencias e, por vezes, um detalhe vadio a palpitar, um tom primario pulindo a transparencia dos *glacis* esmaecidos definem sua maneira de compôr, filtrando toda a luz do espaço, dividindo-a, fundindo-a numa pasta nervosa, continua e rica.

Ha recantos de sombra sobre certas arvores, onde as folhas bólem com tal intimidade e frescura, que dão vontade a gente de ser creança e, por debaixo das abas de um chapeirão de campo, saltar á corda, correr, o sacco de filó nas mãos damninhas, atráz dos besouros lustrosos e das borboletas ageis.

E tudo isso é assim porque o artista já sentira antes de vêr e a natureza apenas corrigiu não ensinou. A *presença* das suas télas é, simplesmente, uma evocação e, só assim, poderia ter saude, eurythmia e vigôr.

Seu desenho não é resignado, não se immobilisa no prestigio e na opulencia dos volumes, sóbe com a mesma aspiração superior, vibrando com todos os filamentos, como um lyrio, melodioso e subtil, nos dedos fuselados de um anjo pré-raphaelista.

E não é preciso nem *quattrocentista* como o de Gustave Moreau, mas perturba, transcende ao olhar e fica a tremer dentro da memoria.

Antonio Carneiro «conheceu a belleza que não morre e ficou triste...»

E, agóra, entre o meu Rodenbach a destacar da bruma saudosa e do céo crispado de torres em que o sonhou Lévy Dhurmer, e um vaso corôado de rosas nocturnas, a sua mascara apparece indagadora, na cisterna de um espelho a recordar...

RONALD DE CARVALHO

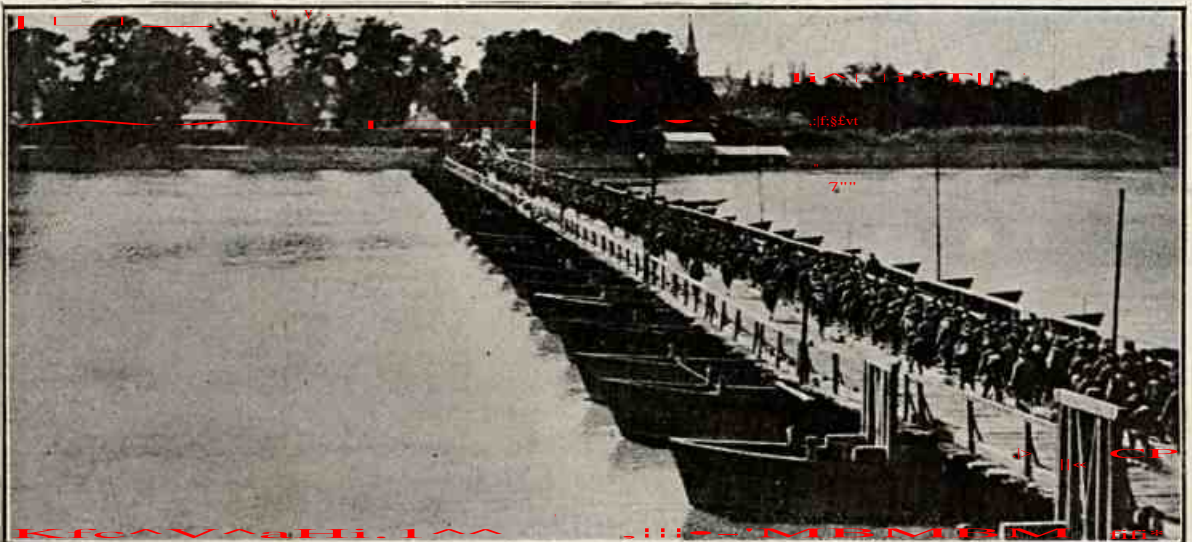
(Do livro — Antonio Carneiro (O irreal na figura e na paizagem.)

A CRIADA NOVA

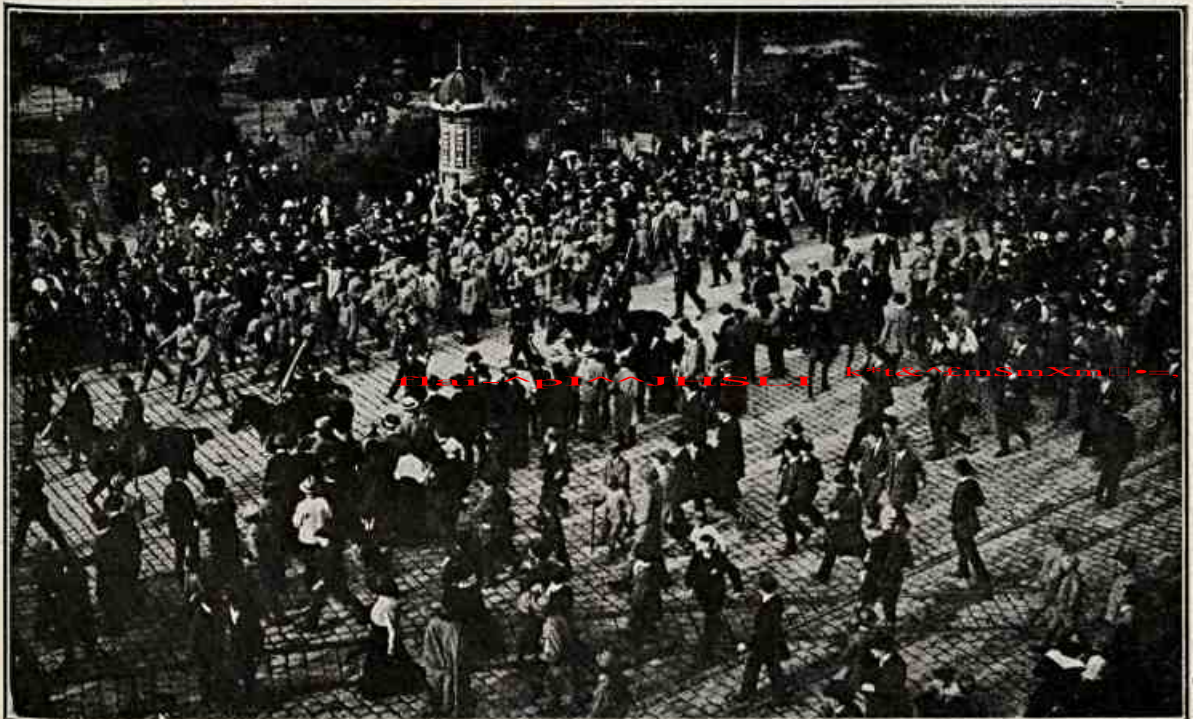
— A minha patroa costuma jantar antes do almoço ?
— Você está doida ?... Que pergunta ?
— E' que na casa onde eu estive, jantava-se primeiro. O almoço era ás 11 horas do dia seguinte.

A GUERRA

Tropas austriacas atravessando uma ponte perto de Szuczyn.

Prisioneiros de guerra servios.

Prisioneiros servios perto de Neusatz.

A GUERRA

Servios feitos prisioneiros em Kreka perto de Touzla.

Depois da batalha de Lemberg. Prisioneiros russos atravessam a cidade.

ATHEU

Um dia um peralvilho apresentou-se ao erudito padre Ondin, e disse-lhe: «Padre, reconhecendo o seu merito, não desgostava de discutir um pouco comsigo sobre isso a que o senhor chama a sua religião.» — «Meu caro senhor, respondeu o religioso, confesso-lhe com toda a franqueza que tenho por habito evitar discussões de tal especie.» — « Bem ; mas sempre lhe direi que queria discutir porque sou atheu». Ouvindo estas palavras o padre Ondin teve um sobresalto que conteve promptamente, e começou boquiaberto a examinar o seu interlocutor da cabeça aos pés. «Que está vendo, padre?» — perguntou-lhe o peralvilho. «Já tinha ouvido muitas vezes — disse o padre sem responder-lhe directamente — falar do atheu, mas ignorava em absoluto o feitio que tinha semelhante animal...»

O atheu sentiu ferver-lhe o sangue e só não applicou um bom par de taponas no padre Ondin, por se tratar de um velho querido e respeitado pela sua extrema bondade, mas, sahiu vendendo azeite ás canadas.

Mas se o padre Ondin resuscitasse hoje, que diria, vendo que os atheus em sua maioria vestem batina?

Catão, o antigo, já velho, enviuvou e casou com uma rapariga nova. O filho foi ter com elle e disse-lhe:

— Que offensa te fiz que te levasse a trazer uma madrasta para casa?

O velho respondeu:

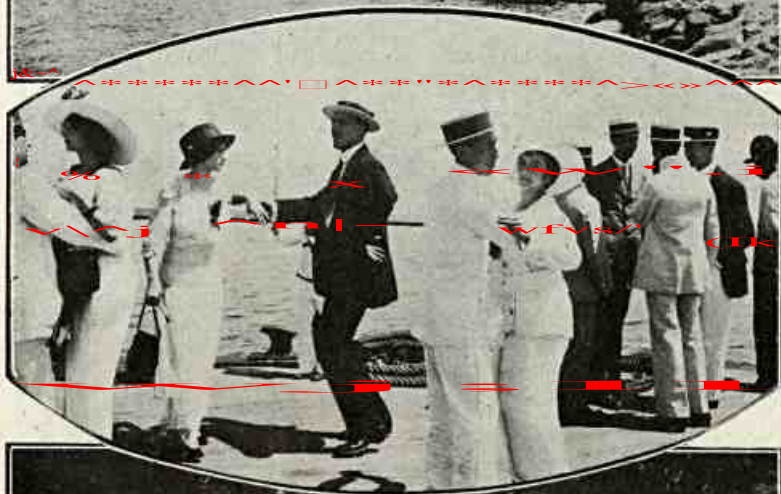
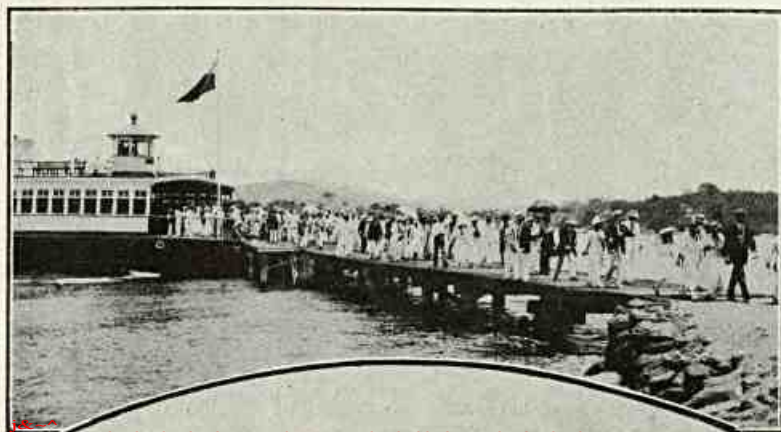
— Pelo contrario, filho, tens-me dado tanto gosto que eu quiz ter outros como tu.

Vocações erradas.

Vespasiano perguntou a Apolonio qual a causa da ruina de Nero. A resposta foi:

— Nero tocava harpa muito bem, mas no governo ou subia o tom muito alto ou descia muito baixo.

O RISO E A LAGRIMA
— Eu sou a Lagrima.
— Que fazes ?
— Carrêo as maguas do coração para o abysmo do esquecimento. Sou como um rio a correr para o mar, levando folhas mortas. E tu ?
— Eu sou o Riso.
— Que fazes ?
— Illumino a vida.
— E's a morte. A tua lampada é a caveira, onde ficas perenne. Eu sou a vida.
— Porque ?
— Porque, sendo ephemera, brilho e passo. A caveira não chora, porque não ha dor na morte.
— Sendo assim, o riso é eterno, porque se mantem desabrochado dentro mesmo do tumulo.
— Eterno como a illusão, jardim que não existe, onde, entretanto, todos vão colher a Esperança.
COELHO NETTO
1915

PIC-NIC

Club de Natação e Regatas, na Ilha do Engenho

FEVEREIRO

A deusa Juno, a quem os romanos appellidaram *Februalis*, era honrada com um culto particular durante este mez. E é d'ahi, segundo escreve Festus, que elle tirou o nome. Porém outros escriptores opinam que a etymologia de Fevereiro veio dos sacrificios em honra dos mortos, sacrificios chamados *februalis*, que se celebravam tambem neste mez. Fevereiro foi accrescentado por Numa Pompilius, assim como Janeiro, ao calendario de Romulo.

Os antigos representam o mez de Fevereiro sob a figura de uma mulher vestida de uma grossa tunica arregaçada pelo cinto. Para indicar a natureza chuvosa deste mez punham nas mãos d'esta mulher um pato, ave aquatica, e ao lado uma urna de onde a agua corria em abundancia. A seus pés viam-se de um lado uma garça e do outro um peixe. Em Roma, não obstante ser o inverno alli muito curto, o mez de Fevereiro é com effeito o mez das maiores chuvas.

A 2 de Fevereiro celebra a igreja catholica a festa da *Purificação* ou das *Candeias*. Entre os hebreus a mulher parida de um filho varão não sahia de casa pelo espaço de quarenta dias, e de oitenta sendo o parto de femea.

Logo que estava cumprindo este preceito devia ir ao templo para purificar-se e offerecer pela vida de seu filho um carneiro e uma rôla, ou duas rôlas, sendo pobre. A Virgem Maria, posto que n'ella não houvesse impureza, segundo os crentes, obedeceu fielmente ao preceito da lei, e foi apresentar seu filho Jesus com duas rôlas no Templo de Jerusalem. Esta festa foi instituida, ou antes renovada pelo imperador Justiano no anno de 541. Chama-se-lhe tambem Candelaria, ou a festa das Candeias, porque nella se benzem e conservam na mão cirios accesos. Esta ceremonia foi instituida pelo papa Gelasio, e varios são os motivos que se lhe attribuem : dizem uns que foi para symbolisar a pureza da Virgem ; outros que em memoria de que o velho Semeão, vendo Jesus no templo, exclamára, chamando-lhe : *Luz dos gentios* ; outros finalmente que foi para oppôr esta cerimonia santa á que usavam os pagãos nas suas festas em honra de Juno na qual tinham muitas luminarias e cirios accesos toda a noite no templo.

Um escriptor disse que só havia esta differença na morte dos novos e dos velhos : é que os velhos vão para a morte e a morte vem para os novos.

PRESTIGIO DE FAMILIA

— Então, eleito, heim ? Parabens...

— E' verdade, obrigado. Mas custou, meu velho!

— Lucta renhida ?

— A' ultima hora, salvou-me a familia. Sem ella...

— Como ?

— Venci por dois eleitores. Imagina ! Tinhamos feito os nossos calculos, faltavam-nos dois votos e não dispunhamos de mais nenhum diploma, apezar de ainda contarmos com *pessoal*. Então, nos derradeiros instantes, salvou-me minha sogra (quem tal diria!). Vendo o aperto (santa senhora !) ella sorriu, afastou-se e trouxe-me os diplomas de dois sobrinhos mortos ha annos. Emfim! a victoria é a victoria...

* * *

O sol reverbéra, ardem as montanhas, a floresta flammeja, com os seus troncos immoveis e as suas frondes paradas.

No céo, as nuvens se acastellam em ruinarias fixas ; na terra, longe das agitações urbanas, tudo se funde na mesma perspectiva suspensa e o mesmo profundo silencio envolve tudo. E' soberbo o ouro das alvoradas ; é magnifica a tinta dos crepusculos. Formoso, magnifico estio ! Os tropicos são o teu reino encantado e nelles a tua belleza grandiosa e sinistra, em catadupas de luz, illumina sem rival scenarios sem simile...

PIC-NIC

Club de Natação e Regatas, na Ilha do Engenho

QUADRA GAÚCHA

A cauda da tua saia
Toca, não toca no chão;
Cada geitinho que dá
Machuca meu coração.

QUADRA GAÚCHA

Lá vae o sol se escondendo
Golpeado, numa sangueira.
Meu coração quando parto
Fica da mesma maneira.

Se tiveres uma grande dôr, faze della um poema.

VICTOR HUGO

Discutia-se se homens de cabeça grande eram mais intelligentes que os de cabeça pequena.

Alguem disse :

— Os mais intelligentes devem ser os de cabeça pequena, pois é um axioma que «O maior contem o menor».

A GUERRA

Artilheria russa atravessando um rio na Galicia

Páu d'agua, não!

O Emilio não era páu d'agua. Isso não ! Jurava até pelas cinzas da avó, coitada, cujas cinzas nada tinham com o facto, mas que eram sempre citadas toda a vez que um desalmado qualquer se julgava com o direito de contradizer a phrase que o Emilio pronunciava com a firmeza de que podia dispôr uma creatura cheia de dóses mais ou menos alcoolicas :

— Eu... não sou um... páu d'agua... ouviu, seu ?...

E a essa meia duzia de palavras, que elle mal podia gaguejar, ajuntava o Emilio um gesto, que, mais convincente que a lingua, obrigava o interlocutor a não perseverar na duvida e a affirmar incontinenti, que nunca o vira embriagado, que era tudo uma falsidade, que o Emilio era um modelo de temperança e por ahi além.

Não, que elle quando se exaltava, era terrivel ; e depois, para que contrarial-o ? Era de vel-o, após aquellas affirmativas do contendor, alegre e satisfeito, approximar-se deste, tomal-o pelo braço e, com o melhor dos sorrisos dizer-lhe : — Vamos ali tomar um Porto fino com syphão, hein ? E arregalava os olhos, dando com a lingua um estalinho significativo.

Era assim o Emilio. Não queria ser chamado de páu d'agua. No mais... bebia como um odre.

De uma feita, vinha elle da repartição, já em não muito bom estado, quando encontra um bando de amigos aos quaes ha muito não via, antigos companheiros de farras e consequentes pifões. — Olhem, está calor, se nós fossemos aos chopps ? — foi a saudação com que o Emilio distinguiu os camaradas.

— Está feito, vamos aos chopps — concordaram elles.

Engulirarm uns cinco, cada um, e, depois o Emilio: — Diabo, isto não dá energia, o calor põe-nos molles ; vamos ao Porto ? — Venha o Porto — fizeram os outros em côro. Depois disso, foi um desastre : veiu de todas as bebidas, conhecidas e desconhecidas, não só tomaram-nas puras como fizeram toda a sorte de misturas imaginaveis. Um verdadeiro delirio alcoolico.

E sempre que o garçon vinha, solicito, repetir a dóse ou perguntar qual a nova bebida que queriam, o Emilio entoava o seu estribilho, com a voz rouca e a lingua pegajosa :

— Eu... não... sou páu... d'áááguа... ouviu seu ?...

Por fim, deram o signal de retirar, mas nosso Emilio não se tinha mais nas pernas. — Vamos, que diabo ! — diziam os outros, — a terra não treme tanto assim, vê se te aguentas, homem !

Mas tudo era inutil, o nosso heróe até já cochilava, não era capaz naquelle momento de pôr o pé direito á frente do esquerdo.

— Que vamos fazer com esse trambolho ? — indagavam-se mutuamente os companheiros, tambem já mortos por encontrarem canto onde se estirassem, quando um delles vê uma andorinha, a roda da qual trastes espalhados indicavam haver alguem a mudar de casa. Justamente havia um cesto de vime cuja carga consistia em um colchão atravessado. — Vamos pôr ali o Emilio, exclamou o tal. — Boa idéa, — applaudiram os demais. E Emilio, o abstenio Emilio, que já estava nos braços de Morpheu, foi depositado no macio fundo do cesto, o qual, depois, foi hermeticamente fechado pelos seus caridosos companheiros

que se foram repletos dessa intima satisfação que nos invade quando temos a certeza de que cumprimos o nosso dever.

Ao cabo de uma hora chegam os empregados da mudança e continuam o trabalho. Pegam o cesto em que o Emilio cosinha a mona, acham-no pesado e resolvem mettel-o na andorinha; em seguida içam os outros fardos e moveis e partem. Chegados ao destino, começam a descarregar a carroça e o pessoal de casa logo a despejar os cestos. De repente um delles solta um grito de horror. Todos se voltam.

— Que foi? Que aconteceu, Juca?

Juca está mais branco que um pedaço de papel; tem os labios tremendos, o olhar de quem viu coisas espantosas.

— Que é que tens — Juca? estás doente? — Não, não tenho nada... mas... ali... E aponta para o cesto fatidico.

— O que é que *tem* ali? — Um... um... um... defunto. — Um defunto!

Todos se apressam em ir verificar. De facto, no cesto está um corpo mergulhado entre os travesseiros, com o rosto voltado para baixo.

— E' um morto, é! Mas quem o poz ahi? Vão suspeitar de nós!

— Ai! meu Deus! O que nos havia de acontecer! Ai! Ai! Ai! e dona Mariquinhas e as meninas cáem com ataques de nervos. Uma barulheira infernal, ninguem se entende. «Seu» Seraphim quer chamar a Assistencia. Os visinhos que acudiram aos berros lembram o alvitre de ser chamada a policia. Esta comparece na pessoa de um commissario que, após lançar um olhar investigador sobre o local do crime, conclue por dizer: — E' mysterioso, não ha duvida! Vou abrir inquerito.

E já se punha a andar quando um dos assistentes olha para o supposto cadaver, torce vagarosamente as pontas do bigode e caminha resolutamente para o o cesto. A assistencia treme na espectativa. O homem goza por um momento o effeito que sua coragem produz na assembléa; depois toma o defunto nos braços e sacode-o vigorosamente, até que se faz ouvir um ronco surdo: o pessoal, apavorado, recua instinctivamente.

— Ahn! que houve? larguem-me! — diz uma voz somnolenta, que parece vir de muito longe.

— Então, hein! tomaste um pifão, uma grande carraspana, hein! páu d'agua! diz o salvador do defunto.

O cadaver se agita, senta-se, esfrega os olhos, espantado, mas ao ouvir a ultima palavra dita por aquelle, um tremor agita-lhe o corpo e, endireitando-se, ainda não de todo curado da mona, exclama, gaguejando: — Páu d'áááguа, não... hein... seu!... parto-te a cara!

Não, que o Emilio não bebia: jurava-o pelas cinzas da avó...

CHICO PAZ CASSIO

UM VIAJADO

— Eu, meus amigos, conheço a Europa a palmo. Londres, Paris, Berlim, Vienna, Madrid, Roma, Constantinopla...

— Conheces os Dardanellos?

— Então? Lá fui á casa d'elles. Mas não estavam. Tinham ido ao theatro.

AS ELEIÇÕES

Tanto mais isso muda quanto mais fica a mesma coisa... Nenhuma phrase define melhor as nossas eleições do que esta.

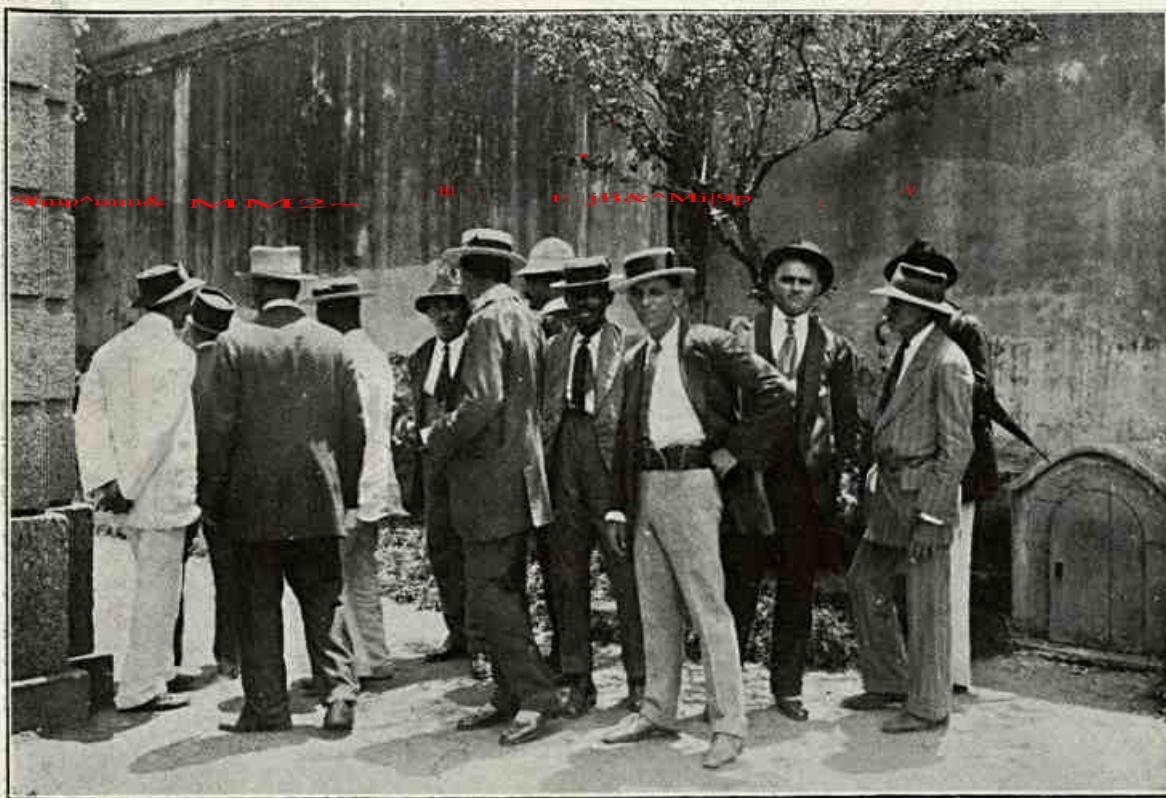
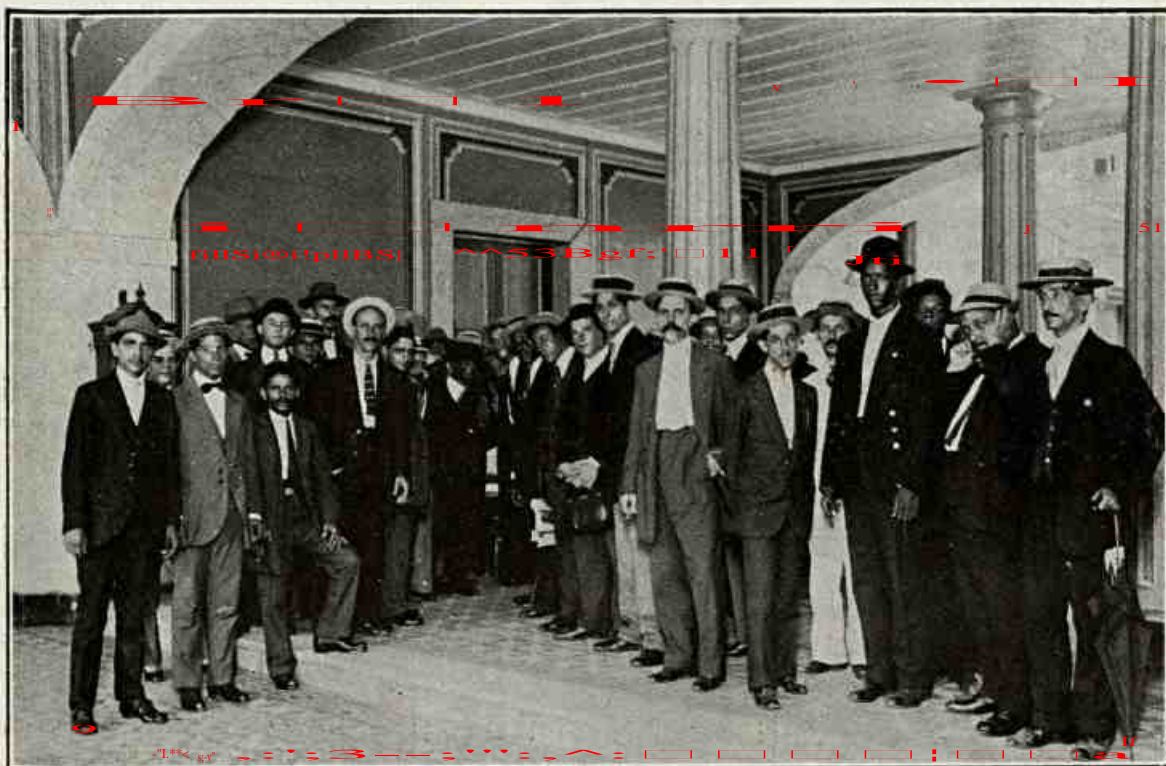
De facto. Para proval-o basta considerar as que se realizaram sabbado passado.

O Dr. Wenceslão Braz prometteu assegurar a liberdade das urnas e o que presenciamos a 30 de Janeiro nesta capital foi uma comedia porca, abaixo de toda a critica, tal qual como nos desopilantes tempos do marechal Hermes.

Parece incrivel que no Districto Federal, no centro mais adiantado e mais culto do paiz, onde estam os representantes diplomaticos de todas as nações civilisadas do mundo, onde rezidem numerosas colonias extrangeiras, onde a imprensa independente é arregimentadissima, as eleições sejam a mesma farsa inqualificavel do mais remoto dos sertões do norte !

As eleições de 30 de Janeiro. — A meza na Prefeitura Municipal. Na hora puderam dormir por terem trazido o trabalho prompto de casa

Escola Modelo da Saude. — Pessoal que não votou no Rapadura

AS ELEIÇÕES

Escola Modelo da Saude. — Os eleitores vivos

Repartição dos Telegraphos, Praça 15 de Novembro. — Os futuros eleitores do Rapadura

Uma de David

O grande pintor David quando expunha alguma de suas telas tinha o habito de misturar-se entre o publico que a contemplava para ouvir-lhe as opiniões. De uma feita notou que um sujeito cujo traje indicava perfeitamente ser cocheiro de fiacre, mirava com desdem a sua obra. Approximou-se delle e perguntou-lhe :

— Pelo que vejo essa obra não lhe agrada ?

E o automedonte, olhando-o com sobranceria :

— Por certo. Pois se a besta desse pintor fez um cavallo com a bocca cheia de escuma, sem que entretanto esteja com freio. Ora isso é cousa absolutamente impossivel, logo o pintor é uma besta.

David calou-se, mas cessada a exposição tratou logo de apagar a escuma da bocca do cavallo.

Como muitos romanos tivessem estatuas erigidas em sua honra, perguntou alguem admirado a Catão o antigo porque a não tinha elle tambem.

— Prefiro, respondeu, que perguntem admirados porque a não tenho, a que se admirem e perguntem porque a tenho.

Os nossos soldados

Conversava-se no pateo do quartel :

— Para mim não ha prato melhor do que uma feijoada completa.

— E para mim um perú de forno, bem recheiado.

— Eu gosto mais é de gallinha de molho pardo.

— Homem vocês sempre têm cada gosto. O melhor prato que ha é espargos com molho de manteiga.

— E você já comeu disso ?

— Pouco mais ou menos.

— Pouco mais ou menos como? Ou bem que comeu ou bem que não comeu !

— E' que eu fui muito amigo de um camarada cujo primo era creado do proprietario de um hotel em que se comia esse prato, ás vezes.

Galba succedeu a Nero, e durante o seu reinado houve grande desolação em Roma. Foi então que um senador disse em pleno senado :

— E' melhor viver onde nada é permittido, que onde tudo o é...

Como a politica se parece através da historia !...

Um friso do Parthenon

Assim classificou Diego Angeli, em comparação feliz, uma originalissima carga de cavalleiros inglezes ao Norte de França. Esta guerra veiu demonstrar que a Inglaterra tem sabido guardar os attributos da sua tradicional singularidade.

Em campanha, o inglez de hoje é o mesmo das grandes luctas de outr'ora: valente até á loucura, forte em extremo e sempre... pittoresco.

Foi o caso de um banho, leitores. Num parenthesis de batalha, um regimento britanico resolveu temperar com o suor do heroismo as aguas mansas de um arroio crystalino. Todos á corrente refrigerante...

Mas, de subito, recorta os ares o toque de carregar. A columna movia-se electrisada. Ouvia-se já o estrupido dos esquadrões. Os estandartes desdobravam-se ovantes. Não havia tempo a perder.

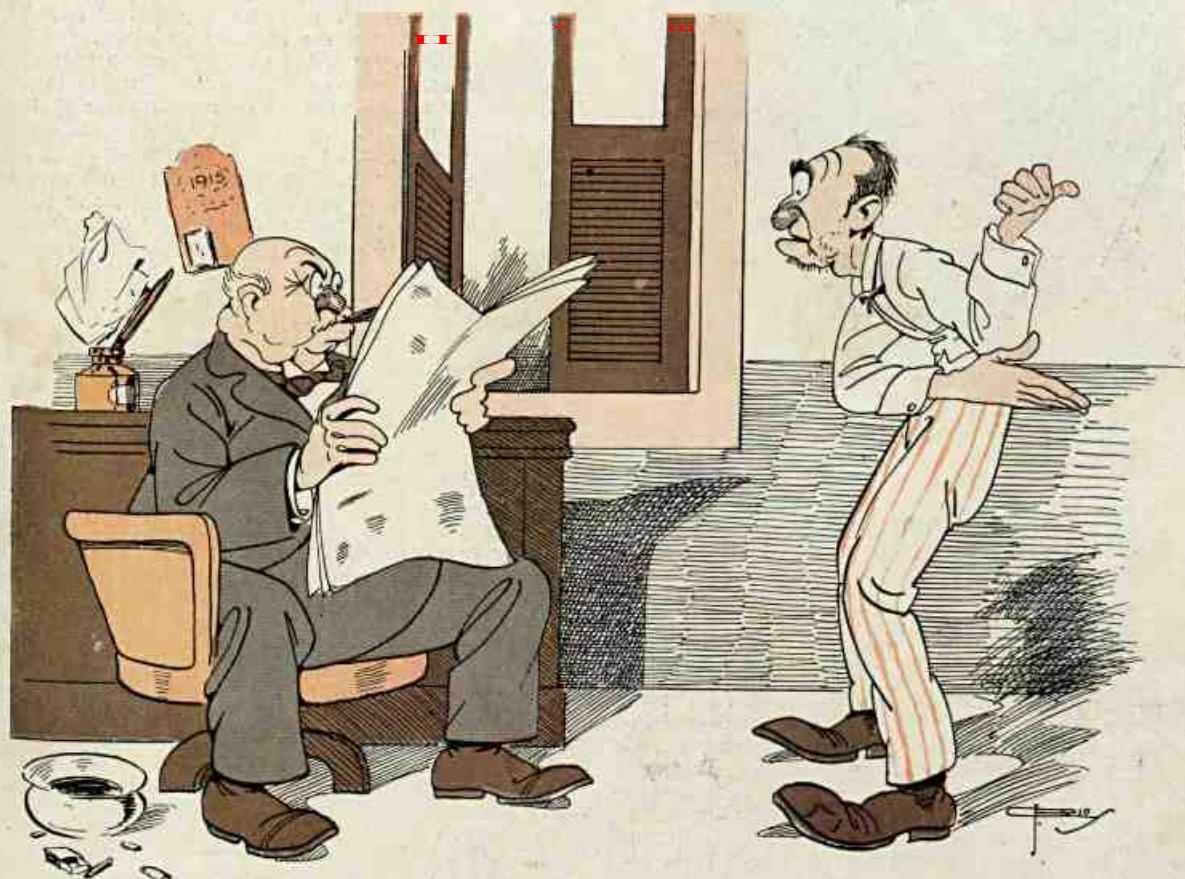
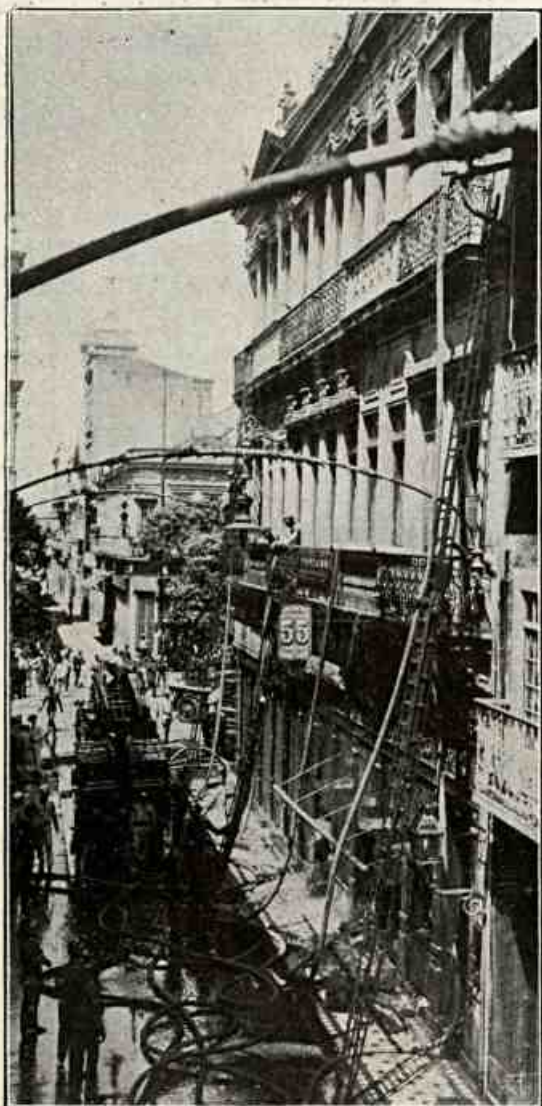
— Aos *boches!*

Então, á orla do arroio e depois através da planicie e em seguida á vanguarda inimiga, uma grande scena pagã se desenrolou imprevista e soberba.

Saltando rapidos aos ginetes ardegos, os inglezes avançavam nús e irresistiveis.

Os allemães, já se vê, debandaram espantados.

Era a Grecia em verdade que resurgia: do frontão de Parthenon dir-se-ia terem descido os cavallos e os cavalleiros de Phidias...

O FILHO PRODIGO

— Ahi está um moço vestido com roupas muito velhas e que vem implorar a caridade do patrão.
— Naturalmente é o *bestalhão* do meu filho, não é?
— Eu cá não sei, mas elle é o retrato do patrão.

Um incendio na Rua do Ouvidor

A CONFERENCIA DA PAZ

(*Conclusão*)

E era necessaria a paz? Sim! A paz era o grande bem. A Rã quando viera ao mundo viera para gosar as delicias do lago ou charco em que vivia e não para ser devorada pela Cobra. As Formigas foram feitas para o seu trabalho honesto e incansavel e não para matar a gula do Tamanduá. O Grillo não nascera para dar alegrias ao paladar do Gallo e de outras aves. Cada qual estava no mundo para gosar as delicias que o mundo podia dar e não para servir de alimento á fome alheia. E com que direito os fortes devoravam os fracos? No direito animal não havia uma disposição que autorisasse semelhante iniquidade.

E falou, falou, falou.

Sentia-se que era um apostolo sincero pregando abnegadamente as suas idéas. O direito dos pequenos foi defendido com uma vehemencia de sacudir até os fortes.

E terminou appellando para o Homem.

— Vós que sois a potencia mais poderosa da animalidade, aquella que mais brilha pela intelligencia e pelo saber, voltae a vossa benemerencia para a sorte dos fracos. Sede o paladino da paz! O pacto se firmará completo, eterno, immutavel, a contento de todos, se derdes o vosso concurso. E' o que nós todos esperamos. A tranquillidade dos pequenos depende de vós. Mostrae que alem da intelligencia e do saber tendes tambem coração! E tenho dito.

E sentou-se.

As galerias estrondaram de enthusiasmo. Rosas cairam sobre a cabeça do orador.

Houve por instantes um silencio ancioso. O Homem havia pedido a palavra.

Todos os ouvidos ficaram attentos para escutal-o. Era elle o fiel da balança. De que maneira ia elle orientar as bases do tratado de paz?

O Homem ergueu-se. Era um silencio de fundo de mar.

Elle começou:

— Illustres companheiros da conferencia da paz: Entre as honrarias que tenho tido na vida, nenhuma me tem sido mais grata e mais honrosa do que essa que me acaba de prestar o compadre Coelho erguendo-me a altura de fiel de balança nesta conferencia. Quando me chegou ás mãos o convite do nobre rei Leão para tomar parte nesta illustre assembléa, eu accedi gostosa e festivamente, porque de ha muito sentia em mim a necessidade de uma perfeita orga nisação na vida animal, de uma imperecivel regulamentação pacifica na nossa maneira de viver.

Foi um delirio. De todos os lados romperam enthusiasticamente brados de ovações. Por mais de tres minutos as galerias não cessaram de gritar apoiados estrondosos.

O Homem continuou:

— Eu sou pela paz. Sou pela paz porque penso que cada qual tem o seu direito de viver, sou pela paz porque, como affirmou o compadre Coelho, cada qual veiu ao mundo para gosar as delicias que o mundo possa dar.

O delirio foi maior. Os parlamentares perderam inteiramente a compostura. O Macaco saltara para cima da meza e agitava vibrantemente o braço em apoiados retumbantes. O Coelho esguelava-se, com as mãos inchadas de dar tantas palmas. A Gralha dava gritos ensurdecedores.

Era um pavor. Por mais que o Leão tocasse os timpanos as manifestações de enthusiasmo continuavam desabridas.

Afinal o Homem poude recomeçar o discurso:

— Sou pela paz e aqui não estou senão para concorrer para que ella se firme.

O Coelho tinha lagrimas de alegria nos olhos. A sua «idéa», a sua grande «idéa» ia afinal realisar-se.

O Homem continuou a falar:

— A paz precisa ser firmada, regulamentada. E' uma necessidade imprescindivel. Uma necessidade para que cada um de nós saiba como se deve guiar na vida. Uma necessidade para que cada um de nós não seja mais accusado de barbaro, de despota, de victimador.

— Bravissimo! bravissimo! bravissimo! gritavam.

O Coelho chorava sacudido de uma alegria louca.

O Homem falava:

— Acho, porem, que nós todos estamos seguindo um rumo falso. Aqui não devem existir fortes nem fracos, grandes nem pequenos.

— Perfeitamente! Apoiadissimo! Devemos ser todos eguaes.

— E' isso que deve ficar firmado no tratado da paz ! — exclamou o Homem.

— Apoiado ! berraram o Macaco, a Rã, o Rato, o Gallo, a Formiga e a Barata.

O Homem continuou :

— O compadre Coelho usou ha poucos das expressões grandes e pequenos, fracos e fortes, expressões essas de que eu não pude comprehender o alcance. Entre nós essas expressões não existem. Não ha fortes, não ha fracos. Quaes são os fortes ?

— Os que vivem do sacrificio dos outros ! respondeu o Coelho.

— E os fracos ? perguntou o Homem.

— Os que se deixam sacrificar.

O Homem fez uma ligeira pausa :

— Fiquei sem comprehender, disse depois. Mas a questão precisa ser examinada com muita reflexão. Examinemol-a. O Rato é uma individualidade do rol dos fracos ?

— Perfeitamente ! gritou o Coelho. E' comido pelo Gato.

O Homem sorriu :

— Estou vendo que essa questão de fortes e fracos é muito relativa. O Rato é fraco porque é sacrificado pelo Gato, mas o Rato não sacrificará nenhum outro animal ?

— Affirmo que não ! guinchou o Rato.

— E o toucinho e o queijo que comeis ? Por acaso elle vos cairá do céu ? O queijo não representa o sacrificio da Vacca ? O toucinho não é o Porco morto ?

Houve um largo silencio nas bancadas. Ninguem teve uma palavra para responder.

O Homem proseguiu :

— O Gallo é tambem do rol dos fracos ? (Como ninguem respondesse elle continuou) — Deve ser pois é sacrificado pela Raposa. Pergunto : o Gallo não é tambem um sacrificador ? Não preciso que me respondam. Ha pouco o proprio compadre Coelho quando falou do Grillo affirmara que o Grillo estava servindo para o goso do paladar do Gallo. Na vida tudo é assim. O Grillo é devorado pelo Gallo que, por sua vez, é comido pela Raposa que, por sua vez é victimada pelo Cão que, por sua vez é morto pelo Lobo que, ainda por sua vez, é sacrificado pela Panthera e assim por diante. A vida é uma successão de sacrificios.

— E' isso que deve desapparecer ! berrou o Coelho que ouvia o orador de orelhas em pé.

— Concordo ! disse o Homem. Concordo ! O Gallo não deve ter mais pelo Grillo ou pela Barata esse odio horrivel que o leva a devoral-o. O mesmo deve haver da Raposa para com o Gallo, do Cão para com a Raposa, do Lobo para com o Cão, da Panthera para com o Lobo. Estou a me servir destes illustres cavalheiros como me poderia servir de outros.

— Perfeitamente ! aparteou o Coelho. Devemos impedir que um individuo sacrifique o outro.

— Estou de accordo com V. Ex., disse o Homem. Vejo, porem, que o meu illustre collega não apanhou a questão sob o aspecto que ella deve ser discutida, o unico aspecto que deve merecer as attenções desta distincta assembléa. Não podemos tomal-a sob o ponto de vista do rigorismo que o collega trouxe ao estudo deste parlamento. Não podemos ser intolerantes. Eu affirmo que deve desapparecer o rancor que atira o Gallo para o Grillo ou Barata, a Raposa para o Gallo, etc, etc. Deve desapparecer, sim, esse rancor ! O nosso papel não é outro senão o de unir corações pelos laços indissoluveis da eterna amizade. Mas o que não pudemos é ir de encontro a essa coisa importantissima que se chama instincto de conservação.

— Como ? interrogou o Coelho, como que estonteado, sem compreender.

— Não pudemos suffocar o instincto de conservação, explicou o Homem. Imagine V. Ex. que numa certa occasião o Gallo não encontre um grão de milho que comer. Está a morrer de fome e, aos seus olhos, passa um Grillo. Ninguem lhe pode impedir que elle sacrifique o Grillo.

— Mas então não ha paz, não ha nada ! exclamou o Coelho.

O Homem não se perturbou.

— V. Ex. diz isso porque está a confundir os aspectos da questão. Ha paz, sim ! Foi por isso que eu falei em rancor e pedi que este desappareça. A intenção é tudo. Se o Gallo se atirar ao Grillo com a intenção de o matar para o matar, não pode haver nada mais condemnavel. Mas se o Gallo comer o Grillo porque não tem outra coisa para comer, emfim, porque está premido pelo seu instincto de alimentação, nada mais justificavel. Não é verdade, compadre ? perguntou ao Gallo que o ouvia attentamente.

— Perfeitamente ! concordo, respondeu.

O Coelho ficou de pé, com as orelhas cada vez mais escarlates :

— Mas isso é uma adulteração do verdadeiro espirito desta conferencia. Aqui estamos para acabar com o sacrificio de individuo a individuo. E da maneira por que V. Ex. lembra o sacrificio continúa.

— Está V. Ex. muito enganado, advertiu o Homem. Eu estou procurando dar a forma que julgo mais compativel com a razão. Se V. Ex. tem outra forma queira apresental-a.

— Tenho. Acho que nós devemos ser vegetarianos.

O'! o'! o'! Toda a bancada dos carnivoros deu uma ruidosa gargalhada.

— Porque vossas excellencias riem ? indagou o Coelho. Não sou eu um vegetariano ? Eu sacrifico alguem para me alimentar ? Porque riem ?

— Porque não podem deixar de rir, respondeu o Homem. V. Ex. foi agora de uma infantilidade encantadora. Pois então nós outros organicamente carnivoros, que nascemos carnivoros, que carnivoros temos vivido, que carnivoros somos por hereditariedade, podemos, de um momento para outro, passar a vegetarianos ?

— E porque não ? atalhou o Macaco.

— Pela razão muito simples de que um habito milenar não se transforma assim com duas palhetadas.

— O regimen vegetariano é recommendado pela medecina ! Se o adoptarmos não daremos prejuizos uns aos outros.

— E' V. Ex. pode asseverar que não daremos prejuizos uns aos outros ? perguntou o Homem.

— Porque V. Ex. me pergunta isso ?

O Homem sorriu :

— Porque o melhor vegetal para V. Ex. é o milho verde e, o milho verde com que V. Ex. se alimenta é das roças do Gallo ou das roças deste seu creado. Pergunto : V. Ex. ao furtar-me o milho não me está dando prejuizos ?

O Coelho quiz salvar o embaraço do Macaco.

— Então que devemos fazer ?

— O que lembrei, respondeu o Homem. A regulamentação da intenção. O pacto sobre a intenção. O que ha actualmente é o odio, o rancor e, portanto, a intenção de matar, de destruir. E' isso que devemos fazer desapparecer. Devemos regular as coisas com muita reflexão. Só não deve ser condemnavel a um individuo a destruição de outro individuo, quando aquelle não tiver intenção criminosa de matar este, isto é, quando aquelle sacrificar este impulsionado pelas necessidades prementes da alimentação. Não sei se me estou fazendo entender.

— Em vista disso ficam abolidas as redes de pescar, o anzol, o arpão, o laço, a ratoeira, a lança, a espingarda, etc.

— Não sei porque, respondeu o Homem. Uma coisa não implica outra.

O Coelho soltou uma gargalhada terrivel:

— Então para que aqui nos reunimos ?

O Homem não se alterou. Conservou a mesma serenidade, o mesmo sangue frio:

— Creio, disse, que os meus illustres collegas não me farão a injustiça de suppor que eu estou desviando os dignos intuitos desta conferencia. Eu aqui estou com um pensamento unico que eu acredito ser o pensamento de todos — concorrer para a paz. Pergunto ao illustre compadre Coelho porque motivo devem ficar abolidas as armas do Homem ?

Ora, porque ! Ora, porque ! O Coelho estava nervoso e engasgado. Afinal soltou :

— Porque ellas são o maior elemento de destruição da vida alheia.

— Porque V. Ex, mata por prazer ! gritou a Lebre.

— Porque V. Ex, mata pelo gosto de matar ! verberou o Tatu.

— Mata sem necessidade ! guinchou o Macaco.

— Mata por perversidade ! clamou a Paca.

— Mata sem que isso seja preciso para a sua alimentação ! berrou o Coelho.

O Homem não teve uma ruga de alteração no rosto. Calmo estava, calmo fallou :

— Vejo que os meus illustres collegas não estão munidos da serenidade necessaria para discutir assumpto tão importante e melindroso. Acabaram de affirmar que eu mato pelo gosto de matar. Não ha ninguem aqui que, á luz da razão, seja capaz de provar semelhante asserção.

— Provo eu ! fez o Coelho triumphalmente saltando para cima da mesa. Provo eu ! Os instrumentos de V. Ex, são instrumentos infernaes. V. Ex. abusa delles. V. Ex. mata pelo prazer de matar. Mata os passaros por lhes tirar somente as pennas, mata os outros animaes para lhes tirar unicamente as pelles. Pergunto : quando V. Ex, destroe a vida dos passaros para lhes tirar as pennas e de outros bichos para lhes tirar as pelles está premido pelo instincto de conservação ?

Um sorriso de complascente superioridade raiou nos labios do Homem.

Respondeu :

— A' pergunta de V. Ex, respondo affirmativamente — sim ! sim ! sim ! Vou provar que é o instincto de alimentação que leva a praticar todas essas coisas de que V. Ex, me accusa.

— Está ahi uma coisa que quero ver.

— Tenha V. Ex. a bondade de me escutar, que acabará concordando comigo. Para que o Homem inventou as industrias ? Para auferir dellas o lucro que ellas possam dar. Em que consiste a industria das pennas ? Em adquirir estas para vender. E para que se as vende ? Para adquirir dinheiro ? E para que o Homem quer dinheiro ? Principalmente para comprar o alimento. Para que serve o alimento ? Para conservar a vida. E' ou não o instincto de conservação agindo imperiosamente ?

— E as pelles ? e as pelles ? perguntou victoriosamente o Coelho.

— Vou responder, disse o Homem. Para que servem as pelles ? Para proteger do frio, não é verdade ? O Homem protegendo-se do frio que causa a morte, está ou não obedecendo ao seu instincto de conservação ? Ha alguem que negue isto ? Como veem os meus nobres collegas estou argumentando com a maior lisura, com a maior isenção de animo.

E voltando-se para a assembléa :

— Estão ou não estão todos accordes no que eu digo ? Deve ou não deve desapparecer o odio que até agora predominava de individuo para individuo ? Deve ou não deve ficar de pé o principio do instincto de conservação ?

E dirigindo-se ao Coelho :

— V. Ex. pode consultar todos os nossos collegas de Parlamento. Parece que interpretei o pensamento de todos.

Falou a Raposa. O Homem tinha razão. Era preciso ficar de pé o principio do instincto de conservação.

— O' desgraçada ! gritou o Coelho. Tu assim dás direito a que o Lobo, o Urso, o Tigre te sacrifiquem invocando o mesmo instincto.

A Raposa ficou um tanto atarantada. O Homem interveiu :

— Perfeitamente. Isso só mostra os nobres impulsos que guiam a comadre Raposa nesta conferencia. Nós todos devemos ter em mira os bellos conceitos do rei Leão ao abrir os trabalhos desta assembléa, conceitos que nos aconselhavam a por acima dos nossos interesses individuaes os interesses da collectividade.

Falou o Gallo. Deffendeu tambem o principio do instincto de conservação. Elle se comprometttia a só sacrificar o Grillo ou a Barata quanda a fome a isso o levasse.

Falou o Rato. Affirmava que, a má vontade que até aquelle momento tinha pelo Porco, ou melhor, pelo toucinho do Porco, não mais existia d'aquelle momento em diante. Se tivessse que devorar algum pedaço de toucinho, acreditassem, não era por nenhum rancor ao Porco.

Falaram depois os animaes miudos. Falou por ultimo a bancada dos fortes. Todos se mostraram sympaticos a orientação que o Homem dera á conferencia da paz. Que desapparecesse o odio até alli existente, a intenção de matar, de destruir que sempre guiou o espirito dos bichos, mas que ficassem as necessidades urgentes do instincto de alimentação. Que se castigasse todo aquelle que, ao matar, não pudessse provar as aperturas do instincto.

E a paz foi firmada sobre essas bazes.

Ao terminar a conferencia todos os animaes sairam alegres, unidos, abraçando uns aos outros.

A cidade engalanou-se para festejar o acontecimento. Por toda a parte se cantavam hymnos de paz. Houve foguetes e gritos de jubilo pelos ares.

O Coelho foi o ultimo a sair do Parlamento.

A Lebre que o esperava á porta, atirou-lhe os braços, beijando-o :

— Tu és o nosso salvador. Até que emfim podemos viver em socego.

O apostolo fitou-a :

— Em socego ?

— Sim ! Temos finalmente a paz animal.

O Coelho cravou-lhe um olhar de commiseração, olhou depois o céu, ouviu o som dos hymnos que se cantavam pelas ruas, ouviu o fremito ardente do povo em festas e disse com a tristeza trespassante de um poeta desilludido :

— Não foi essa, comadre, a paz que eu sonhava.

FIM

(Da *Arca de Noe*).

Viriato Corrêa

VERGONHOSO CONTRASTE

A França antes da guerra era a nação mais rica do mundo sob o ponto de vista de reservas bancarias.

Com a actual conflagração européa ella continuou a gosar da mesma fama de nababa internacional, emprestando sommas colossaes á Inglaterra, á Belgica e a quantos dos povos alliados precisaram de recursos monetarios.

Para se avaliar da confiança que o mundo inteiro deposita na França, no seu immenso credito, basta dizer que o cheque francez ganha premio em todos os paizes, ao contrario do que acontece com os cheques allemães, austriacos, russos e até mesmo inglezes, actualmente depreciados em consideravel proporção.

Eis porque Mr. Ribot, em discurso pronunciado a 18 de dezembro n'uma sessão da commissão de orçamento do parlamento francez, depois de fazer um detalhado historico das finanças do seu paiz e de referir-se ao projecto de lei que eleva a 2 bilhões a emissão dos vales do Thezouro, disse, com a respeitavel autoridade do seu nome :

«A' França não faltarão recursos para sustentar essa guerra que não procurou, mas está resolvida a continuar até o fim. Sob o ponto de vista financeiro, suas reservas são taes que pode enfrentar, sem cuidado, a continuação das hostilidades.»

Admiraveis palavras estas ! Ellas dão uma idéa precisa do tino administrativo e do patriotismo dos estadistas francezes.

Que triste contraste o Brazil apresenta ! Aqui, com governos ora descuidados e esbanjadores, ora incompetentes, deshonestos e ineptos como o quatriennio Hermes, vemos o Thezouro vazio e o povo soffrendo amargas necessidades.

A pobreza e a miseria assolam em diversos Estados e na propria capital do paiz, ao mesmo tempo que deixamos de pagar as nossas dividas externas e internas.

Todo esse descalabro, toda essa ruinaria em plena paz !

Quando o Brazil terá estadistas de verdade, homens capazes de zelar pelos superiores interesses nacionaes ?

W.

A guerra das toupeiras

— Está vendo, Snr. jornalista. Nesse momento, aqui nesta planicie, estão se travando horriveis batalhas !
— F... onde estão os belligerantes ?
— Estão todos enterrados.

O COMMERCIO MODERNO

Antigamente o povo quando queria fazer as suas compras tinha que vir directamente a cidade e procurar o centro predilecto de todo o movimento commercial — hoje não — com o desenvolvimento commercial dos ultimos tempos o povo não precisa perder o seu tempo, nem gastar dinheiro em bonds, conducções sempre caras e despezas fabulosas, porque, em toda parte dos suburbios e arrabaldes há estabelecimentos commerciaes que estão em condições de vender ainda mais barato e em melhores condições de nossa praça, dentre estes se destaca a **CASA SILVA** á rua Senador Euzibio, 154 — Praça 11 de Junho, que está procedendo ao maior acontecimento commercial dos ultimos tempos. A **CASA SILVA** iniciou a sua grande venda annual de bonificação, vendendo os seus artigos por preços verdadeiramente admiraveis, como sejam : Terno de tussor, puro linho, artigo francez, confecção irreprehensivel a..... **23$500** ! Ternos de casemira ingleza, pura lã, aviamentos garantidos, venda de bonificação a **27$500** ! Milhares de ternos para creanças, lindos modelos, desde **2$800** !

Tome nota : Os grandes armazens da "Casa Silva" estam neste predio, á rua Senador Euzebio, 154 Praça Onze de Junho. — Não esqueça.

Além disso a **CASA SILVA** possue o sortimento mais completo e escolhido em artigos para homens, meninos e rapazes, roupa branca e camisaria, roupa para cama e meza, etc., etc.

A **CASA SILVA** tem um grande atelier de alfaiate sob a direcção de um habil contra-mestre e tão certa está da superioridade e barateza de todas os seus artigos que o seu proprietario está prompto a restituir a importancia a todos os freguezes que se arrependerem das suas compras, assim como tambem envia gratuitamente a domicilio em todo o Districto Federal e remette para o interior do Brazil todo e qualquer pedido que lhe forem feitos.

Portanto, o povo não precisará vir mais a cidade, basta saltar na Praça Onze de Junho — procurar o n. 154 — e fazer as suas compras ou então pedir pelo telephone 2474-norte ; e assim procedendo terá uma economia de 50 % e d'aqui enviamos ao seu proprietario as nossas felicitações pelo seu systema moderno de negociar em beneficio de toda a população do Districto Federal e do interior.

Les 1200 Collaborateurs volontaires
de l'Agence des Prisonniers de Guerre, ouverte à Genève le 15 Août 1914
par le Comité International de la Croix Rouge.

AS ELEIÇÕES

Alfandega, não houve eleição, os livros foram subtrahidos. Um «arara» perde o tempo em lavrar o protesto.

TRIPEIROS

Ha dias, quatro poetas combinaram ir jantar no *Minho* um soberbo prato de tripas a portuense. O prato esteve á altura do apetite dos sonhadores. Um dos comilões perguntou aos outros: «Por que será que chamam aos portuenses *tripeiros* ?»

Realmente ahi está uma pergunta a que bem poucos portuguezes aqui domiciliados podem responder.

Outro comilão, muito conhecedor de assumptos portuguezes, explicou:

«Toda a gente imagina que o appelido *tripeiros* dado aos filhos do Porto é um appellido ironico. Vou contar-lhes a origem da cousa e vocês verão que *tripeiros* é para os portuenses um verdadeiro titulo de gloria.

Quando D. João I tentou a conquista de Ceuta, em 1415, a cidade do Porto foi a primeira que lhe enviou uma poderosa armada fornecida com todos os apetrechos de guerra e guarnecida de bons soldados, tudo pago á custa de seus habitantes, os quaes, para que a dita armada fosse abundantemente provida de viveres da melhor qualidade reduziram a propria alimentação, servindo-se apenas das entranhas do gado vaccum e reservando a melhor carne para os expedicionarios.

Camillo Castello Branco e Pinheiro Chagas referem esse facto mais de uma vez em seus livros.»

Agora vae muita gente ficar sabendo porque chamam aos portuenses *tripeiros*.

Alexandre mandou uma vez um grande presente de dinheiro a Focio. Ao recebel-o Focio disse:

— Porque é que o rei me manda a mim presentes e a ninguem mais?

O mensageiro respondeu-lhe:

— Porque elle te considera o unico homem digno em Athenas.

— Se elle assim pensa, dize-lhe que me permitta de continuar a sê-lo. E restituiu o presente.

Ainda não chegára a epoca das... chaves de ouro e das ilhas encantadas...

Artes e Lettras

A critica registrou com espanto a audacia do emprezario que, affrontando o bom gosto e o decoro, levou á scena a *Moratoria Conjugal*, do Sr. J. Brito.

Da peça disse Oscar Guanabarino nem merecer a classificação de *genero livre*. Segundo o chronista d'*O Paiz*, esse trabalho é francamente obsceno, pertence «ao genero porco.»

Antolha-se-nos injusta a censura feita ao emprezario.

Ha tres responsaveis pelo escandalo. O primeiro é o autor, que se não pejou de compôr taes scenas e teve o desplante de fazer *réclame* pornographica, em entrevista concedida a um jornalista e estampada com o seu retrato.

O Sr. J. Brito chegou a dizer que literariamente a *Moratoria Conjugal* não era digna de uma linha de referencia; mas que as actrizes eram bonitas e *«faziam taes cousas diante do publico»* que todos deviam contar com um successo excepcional. Ora, esse escriptor não affrontaria assim a sua classe, nem tentaria corromper a plateia, se entre nós houvesse um publico bem educado e se, por outro lado, a critica soubesse cumprir o seu dever. Critica e publico são os outros responsaveis...

Fala-se em theatro nacional. Utopia! O que havemos de ter ainda por longos annos, se não organisarmos a vigilancia moral do nosso palco, será o motivo baixo, a pornographia, a perna á mostra, o requebrar de ancas, a laracha, a bambochata.

Fundou-se ahi uma *Sociedade dos Homens de Letras*. Porque não inscrevem os seus directores nos estatutos um artigo salvador da dignidade da arte e da decencia da classe?

*

Apparecerá brevemente o primeiro livro de versos de Jorge Jobim. Prefaciará o volume o illustre poeta Alberto de Oliveira.

*

Desejando contribuir com o seu esforço para a diffusão da cultura latina, varios escriptores e artistas brazileiros resolveram aggremiar-se á cruzada que illustres collegas de França, da Italia, da Belgica, da Hespanha e de Portugal organisaram e chefiam.

*

Do Dr. Manoel Bomfim recebemos um exemplar d'*A Obra do Germanismo*, editada em pról da *Cruz Vermelha* da Belgica.

Amores e finanças

— Minha filha. O bom partido não é aquelle que passou os fundos pelos *bancos da escola*. E' muito superior aquelle que submette os seus fundos á *escola dos bancos*.

ANARCHIA DIVINA

Ao romper a guerra, um dos principaes diarios da Allemanha recommendou os francezes, em chronica humoristica, aos bons officios de Nossa Senhora de Lourdes.

— Quantos ossos quebrados, lamentava o articulista, terão de ser ligados além dos Vosges! Quanto trabalho para a divina Senhora!

Agora, um jornalista francez, a proposito do canhão 75, lembra os incommodos que elle ha de ter dado ao «Velho Deus» das proclamações kaisereanas.

Ora, nos campos de batalha da Europa ha outras divindades em conflicto. A' frente dos exercitos coloniaes, por exemplo, Allah e Buddha se degladiam com a ultima encarnação de Odin...

Santo Deus! — que sahirá de tudo isso?

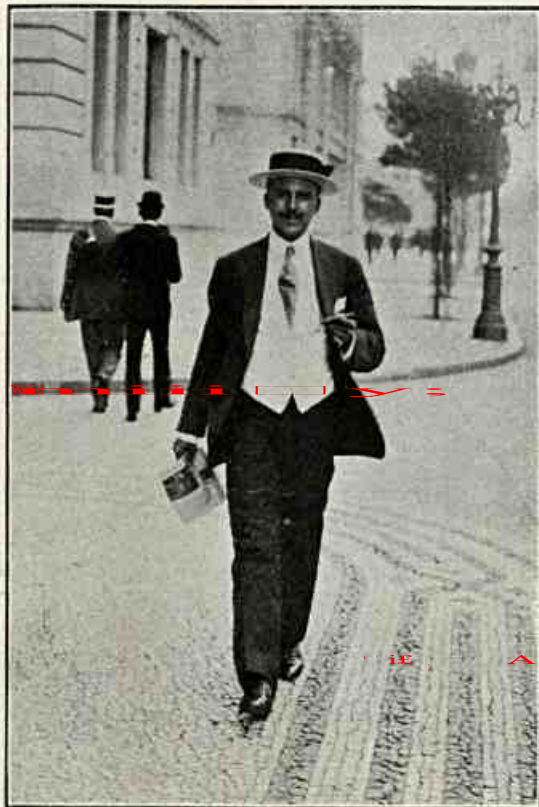
Quadra gaúcha

Amanhã encilho o pingo,
Solto o poncho estrada fóra:
Canta, gallo, chóra, china,
Que o caboclo vae se embora.

SCENAS ELEITORAES

A voz do mesario — Dr. Ubaldino do Amaral.
O eleitor — Prompto!!!

NOTAS DE REPORTAGEM

« Perfis commerciaes »

O Snr. Seraphim Pereira da Silva um dos mais conceituados commerciantes e proprietario da cidade nova.

A nossa «Kodack» conseguio não sem muita dificuldade apanhar em plena avenida o instantaneo d'este moço, sim, moço porque apenas conta vinte e uma primaveras, e apezar d'esta idade já tem sobre os seus hombros encargos commerciaes e financeiros que, seria difficil serem administrados por outrem.

O seu «perfil» é de um commerciante moderno e sem embargos de uma modestia em extremo, intelligencia sem limites e firmeza de caracter indomavel.

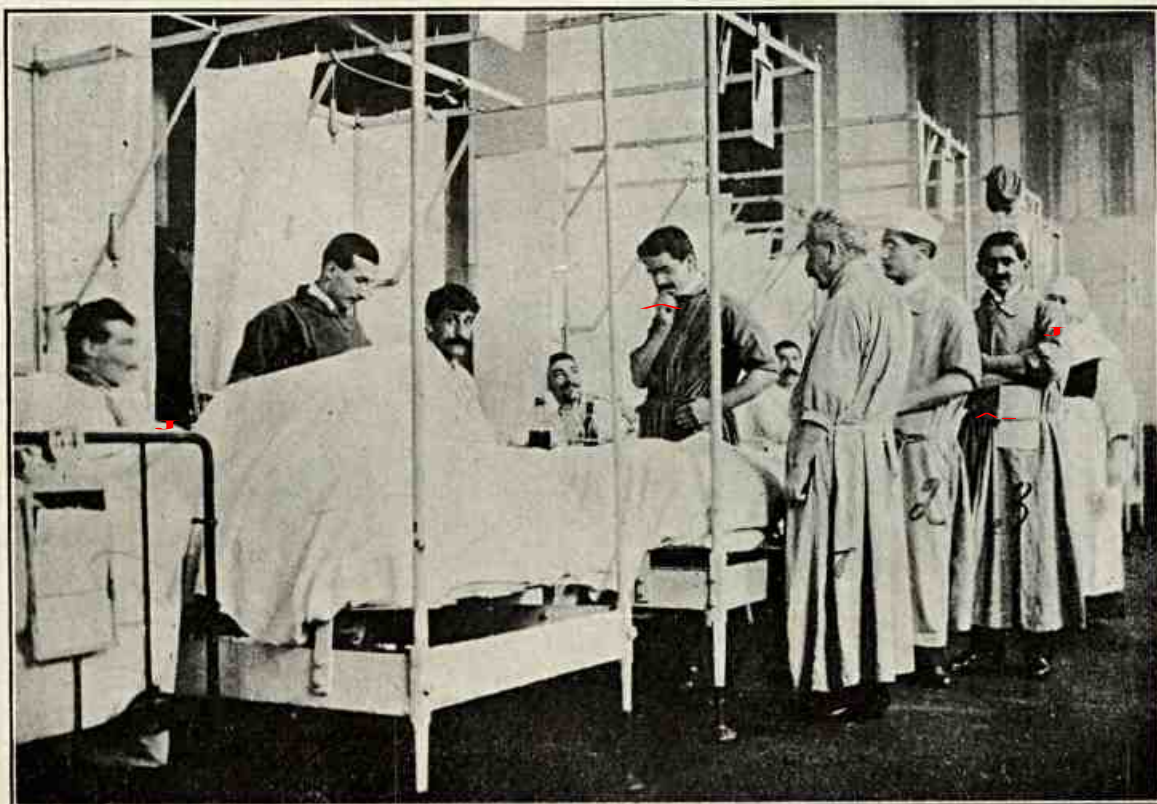
Tem no rosto o calor da mocidade, nos olhos a perspicacia em acção, na bôcca a cizudez e sinceridade no fallar; emfim é um «gentleman» perfeito.

O Snr. S. Pereira da Silva é proprietario da casa Silva um dos estabelecimentos mais desenvolvidos da praça Onze de Junho, e um dos commerciantes mais queridos e respeitados da cidade nova.

PARIS NO RIO
Especialidade
em
artigos para
homem
Ultimas novidades
RUA DOS OURIVES
N. 13
(Proximo á Avenida Central)

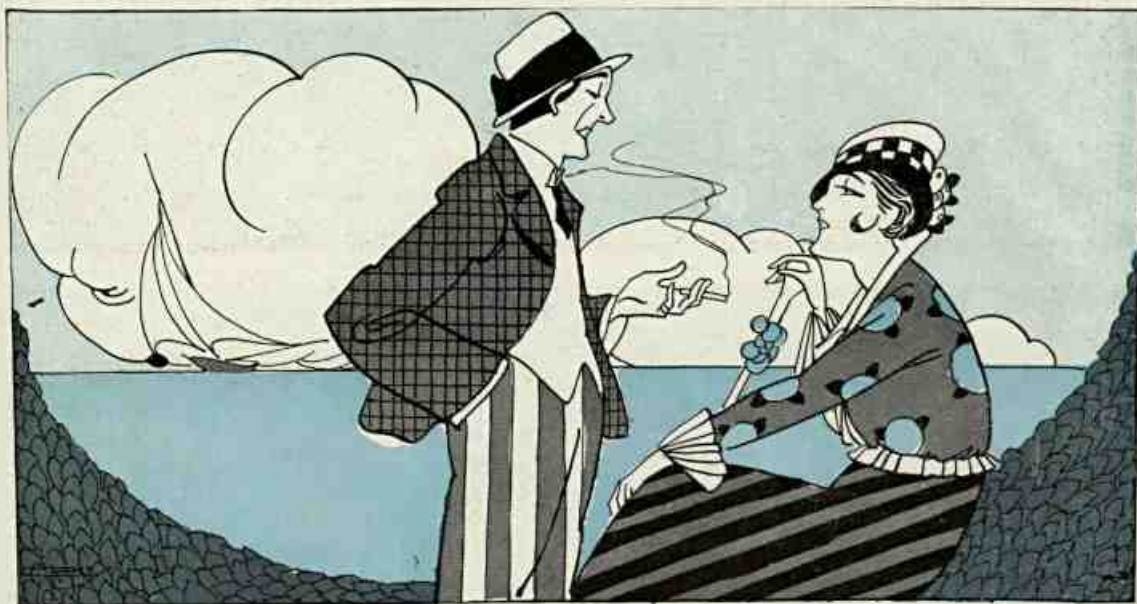
CROIX ROUGE DE LYON

Serviço do Professor Berard e do Dr. Alexis Carrel no hospital Hotel Dieu

Medicos sul-americanos e soldados convalescentes, no Jardim do Hotel Dieu. I = A. Mora. = Perú. II — Antonio Costa. = Brazil. III = Alfredo Pinheiro. = Brazil. IV = Caminha Filho. = Brazil.

Monsieur Lumière, o inventor da vaccina contra o tétano e a febre typhoide.

Figuras e cousas de outras terras

OSTWALD, doutor e lente em Leipzig, era um chimico famoso na Allemanha e acaba de espalhar explosivamente a sua fama pela superficie espantada do mundo. Quem por estes vinte ou trinta ou cincoenta annos, percorrer as regiões francezas e belgas devastadas pelos exercitos allemães, deante das cinzas das cidades incendiadas não deixará de pronunciar com espanto e repetir com horror, o nome desse paciente sabio que nunca as vio mas que as destruio de longe, fechado num gabinete de scientista, concebendo uma simples pastilha. O Dr. OSTWALD é o macabro autor da formula das famosas pastilhas incendiarias especialmente procuradas e descobertas para serem empregadas pelo *imperial corpo de incendiarios*. As chammas que destruiram Louvain e chegaram ás proximidades de Paris, incendiando Senlis, sahiram de dentro da cabeça do Dr. OSTWALD.

Uma familia desastrada

— Eu, minha senhora sou filho de uma familia infeliz. Meu pae morreu debaixo de um automovel, minha mãi suicidou-se, um irmão morreu afogado, um sobrinho ficou soterrado...

— E sua avó ?

— Minha avó nasceu morta.

Politica pernambucana

O correspondente d'*O Imparcial* telegraphou do Recife dizendo ter visto na mão de um uzineiro um telegramma do general Pinheiro Machado pedindo para votar somente nos Drs. João Elysio e Gonçalves Ferreira, em prejuizo dos Drs. Milet e Cunha Vasconcellos, ambos tambem da chapa do P. R. C.

Ora, o perrecismo apresentou em Pernambuco uma porção de candidatos em cada districto.

O despacho alludido quer dizer pois, que o Sansão cabelludo do morro da Graça não terá desta vez, como da vez passada, a força necessaria para rasgar diplomas ao seu bel prazer, e, como não poderá reconhecer todos os seus correligionarios, tratou logo de mandar descarregar a votação no menor numero possivel de candidatos.

Quem diria, porém, que o Sr. Cunha Vasconcellos, — depois de tantos serviços de baixo servilismo, seria sacrificado pelo seu proprio Chefe ! ?

Com isso, entretanto, o general dos pampas gaúchos presta incontestavelmente um grande serviço á bancada pernambucana que vae ficar livre de um representante que devia estar no Instituto de Butantan, em S. Paulo, e nunca na Camara dos Deputados.

Consta-nos que o Dr. Surucúcú não se conformando com a sua exclusão vae fazer uma propaganda pelo interior, percorrendo todas as mattas e capoeiras, afim de conseguir os suffragios unanimes dos ophidios de todo o Brazil.

Será verdade ?...

OS QUE VOTAM

— Sô Ozebo, na hora da enerenca aperta a urna e estica a canella.

Corria ha dias na cidade a noticia de que, subitamente indisposto, o illustre humorista Carlos de Laet, pensava em fazer brevemente uma estação de aguas santas em Lourdes.

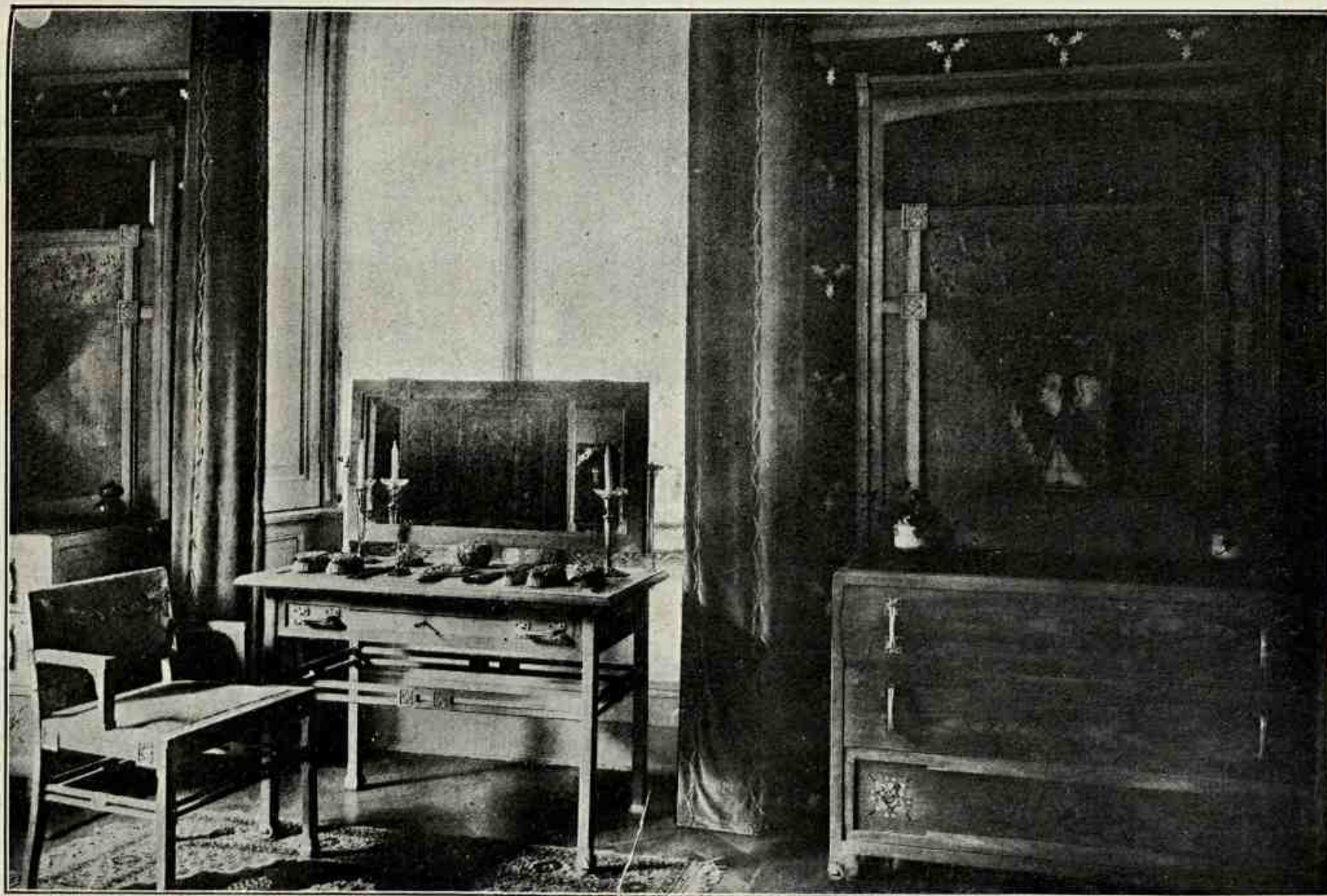
A causa da molestia, accrestava-se, fôra a leitura do seguinte periodo da carta dirigida por S. S. Bento XV ao kaiser Guilherme II: *«Destruindo os templos de Deus, vós provocastes a colera divina, deante da qual os exercitos mais poderosos perdem todo o poder.»*

Realmente, já é cabula! Depois da missiva do senhor D. Luiz, a palavra no Vaticano...

QUADRA GAÚCHA

Eu sou aquelle que disse,
Depois de dizer não négo,
Achando um bem do meu gosto
Morro secco e não me entrego.

Os eleitores aguardando a hora

— Nós tem é que assuspendê a livraria.

Em mobiliarios de Arte ninguem pode competir com os de nossa fabricação

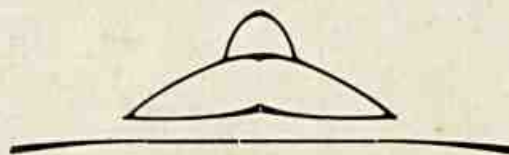
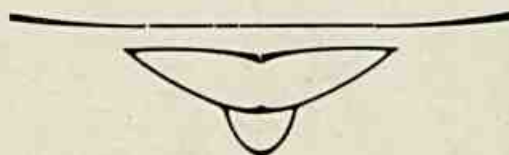
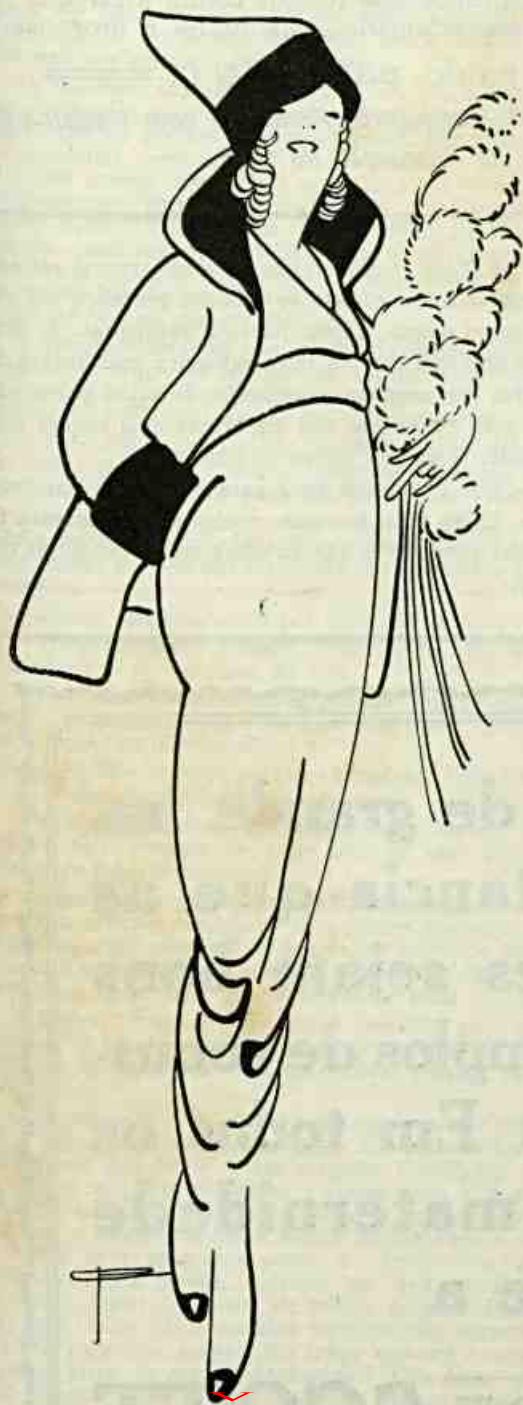
ARCHIVO UNIVERSAL

O mundo, commovido, na agoniada espectativa de uma sanguinosa catastrophe, passou em permanente susto as interminaveis horas que se eschoaram do ultimo minuto de 26 ao primeiro segundo de 28 de Janeiro : — O Germania omnipotente annunciára que ia celebrar com heroicas surprezas realizaveis no mar, em terra e nos ares, o feliz anniversario do Imperador Guilherme II.

Esperavam-se cousas extraordinarias. Um allemão residente no Rio, assegurava : «esquadrilhas de Taubes e Zeppellins incendiarão Paris e Londres ; as tropas de Flandres, reforçadas por novas massas colossaes, farão os alliados recuar em fuga ; a esquadra allemã surprehenderá a ingleza.»

Eu, com o coração tranzido e fazendo votos para que os allemães não guardassem uma bôa recordação do anniversario do Kaiser, fazia o seguinte calculo : «Na madrugada de 27, vôam ou se afundam, erguidas pelas minas e demolidas pela artilharia, as trincheiras dos alliados ; os exercitos allemães, de Flandres á Argonnes, avançam com impeto irreprimivel e levam de vencida os anglo-franco-belgas até Paris e Calais, emquanto os *dreadnoughts* germanicos, auxiliados pelos submarinos e secundados pelos aeroplanos, anniquillam a marinha ingleza.»

Tive febre durante o dia e passei em claro a noite de 27.

Felizmente, dormi satisfeito de 28 para 29. A surpreza allemã tinha sido formidavel : — attingira ás proporções inglezas de um *bleff*.

ARCHIVISTA

Abaixo as suffragistas

— O suffragismo é uma asneira. A mulher não deve ter o mesmo direito dos homens. Como seria ridiculo uma mulher morrer pela patria.

OS NOSSOS POETAS

Um dos nossos mais conceituados literatos no tempo em que vivia quasi que de brisas, morava em um quartinho lá para as bandas da Cidade Nova, que tinha por mobilia alem do grabato em que repousava os ossos, uma cadeira sem um dos pés e uma mezinha de pinho, onde aliás foram escriptos os seus mais afamados sonetos.

Uma noite acordou elle ouvindo rumor em seu aposento. Abriu a meio os olhos e percebeu um extranho no quarto. Ficou quieto a assumptar. O desconhecido que era um reles ratoneiro prescrutava as gavetas da mesinha, com ancia. O nosso poeta não teve mão em si que não disparasse uma sonora gargalhada. O gatuno voltou-se furioso :

— Que diabo tem você para rir dessa maneira ?

— E' do trabalho que você está tendo para ás escuras procurar o que eu não consigo encontrar dia claro.

CAVALLERIA RUSTICANA

(Giovanni Verga)

Turiddu Macca, o filho de *nhá* Nunzia, quando concluiu o serviço militar, todos os domingos se pavoneava no adro da Igreja em seu bello uniforme de bersagliere e seu bonnet vermelho assemelhava-se a uma papoula em um campo de trigo.

As raparigas devoravam-n'o com os olhos quando iam á missa, o narizito escondido sob o manto, e em redor delle os garotos eram aos montes. Elle trouxera um cachimbo representando o rei a cavallo, tão perfeito que parecia vivo. Para accendel-o elle levantava graciosamente uma perna riscando o phosphoro nas calças. Apezar disso porem, Lola a filha do mestre Angelo conservava-se invisivel, não apparecendo na missa nem á janella depois que se fizera noiva de um sugeito de Licodia que era carroceiro e tinha quatro bestas de Sortino em sua estrebaria.

A principio, quando elle soube da cousa quiz ir arrancar as tripas ao tal typo de Licodia. Entretanto acabou por nada fazer e vingara-se cantando sob as janellas da moça toda a sorte de cantigas escarninhas.

— Este diabo de Turiddu, o filho de nhá Nunzia, não terá o que fazer? murmuravam os visinhos; elle passa as noites a cantar como um passarinho solitario.

Uma tarde, por acaso, encontrou elle a moça quando voltava do campo; vendo-o, ficou absolutamente tranquilla, como se para ella fosse elle absolutamente desconhecido.

— Como estou contente por vel-a! disse elle.

— Ah! compadre Turiddu, disseram-me que você tinha chegado no principio do mez.

— E a mim disseram a seu respeito muitas outras cousas. E' verdade que você está para casar com o compadre Alfio, o carroceiro?

— Si for da vantade de Deus! replicou Lola tirando as pontas do fichú de sob o queixo.

— E você fala ainda na vontade de Deus!... Foi tambem pela vontade de Deus que eu vim de tão longe para inteirar-me disso, Lola?

O pobre rapaz queria fazer-se forte, mas a sua voz tornava-se rouca e caminhava com passos tremulos seguindo a moça, o bonnet a dançar-lhe sobre os hombros. Ella entristecera vendo-lhe a alteração dolorosa das feições, mas não queria deixar-lhe mais illusões.

— Escute, compadre Turiddu, disse-lhe por fim, deixe-me ir ao encontro de minhas companheiras. Que diriam de mim na aldeia se me vissem em sua companhia?

— E' justo. Já que você vae se casar com o compadre Alfio, que tem quatro bestas em sua estribaria, não convem que falem a seu respeito. Entretanto minha pobre mãe teve de vender a nossa besta baia e o vinhedo da encosta emquanto eu fiz o serviço militar. Já lá vae o tempo em que a rainha Bertha fiava e você... você nem ao menos pensa no tempo em que conversávamos á janella... quando me deu este lenço que ainda conservo, antes de minha partida. Entretanto bem sabe Deus quantas lagrimas não derramei ao partir para tão longe... tão longe que até o nome de nossa terra lá era desconhecido! Está bem, nhá Lola, adeus. Fiquemos ao menos bons amigos, sempre.

....

Nhá Lola casou-se com o carroceiro; e aos domingos quando sahia da missa, no adro cruzava as mãos sobre o ventre para mostrar a todos os grossos anneis de ouro que seu marido lhe dera. Turiddu continuava a passear pela rua, o cachimbo na bocca e as mãos nas algibeiras, com um ar de profunda indifferença, olhando as raparigas. Mas interiormente o sangue fervia-lhe ao ver que o marido de Lola possuia todo esse ouro e que ella fingia não reconhecer seu antigo namorado. «Hei de mostrar áquella cachorra para quanto presto», resmungava elle.

Defronte da casa do compadre Alfio, morava mestre Colla, o vinhateiro que era rico como um porco e tinha uma filha casadoira. Tanto fez Turiddu que conseguiu entrar na casa delle como empregado e começou a fazer olhares ternos para a moça, dirigindo-lhe palavras assucaradas.

— Porque não vae dizer isso a nhá Lola, perguntou Santa.

— Nhá Lola é hoje uma grande senhora. Nhá Lola casou-se com um rei...

— E eu por acaso não mereço um rei tambem?

— Você vale cem vezes mais do que Lola, e eu bem conheço alguem que se você quizesse nem para ella olharia, pois ella nem ao menos é digna de limpar os seus sapatos... Não, repetiu elle, approximando-se d'ella, não é digna, nem disso.

— Tire as mãos, compadre Turiddu.

— Tem medo que eu a coma?

— Não tenho medo de você nem de ninguem.

— Ah! Eu bem sei que sua mãe era de Licodia e que você tem o sangue vivo.

— Pois sim, mas ajude-me a amarrar este feixe.

— Por você eu amarraria a casa toda.

E ella para occultar a sua perturbação atirou-lhe com uma acha, que só por milagre não o attingiu.

— Anda depressa, que a conversa está atrazando o nosso trabalho.

— Se eu fosse rico eu só desejaria uma mulher como voce, nhá Santa.

— Eu não me casarei com um rei, como nhá Lola, mas se o Senhor enviar-me um pretendente, ao menos um dote eu terei.

— Ah! bem sabemos que você é rica.

— Se sabe, anda depressa então, que o pae pode entrar e não quero que elle me encontre no pateo.

O pae já começava a desconfiar, mas a filha fingia não perceber porque o penacho do chapeu do bersagliere fazia-lhe já cocegas no coração, dançando-lhe sempre diante dos olhos.

Quando o pae acabou por despedir Turiddu a filha abria-lhe a janella e conversavam á noite, e tanto que os visinhos já começavam a murmurar.

— Estou louco por ti, dizia Turiddu; ja não como nem bebo!

— Perolas...

— Desejaria ser o filho de Victor Emmanuel para casar comtigo!

— Perolas...

— Por Nossa Senhora queria commer-te como se come o bom pão!

— Perolas...

— Palavra de honra!

Lola que todas as noites escutava, escondida em sua janella corava e empalidecia successivamente; um dia ella chamou Turiddu.

— Então, compadre Turiddu já não se lembra dos amigos antigos?

— Bemaventurados aquelles que a podem saudar, nhá Lola, suspirou o rapaz.

— Se isso é de seu agrado, a casa é sua, replicou Lola.

Turiddu começou a frequentar a casa de Lola tão assiduamente que Santa percebendo, fechou a janella na cara. Quando o bersagliere passava os visinhos apontavam-n'o com um sorriso ou um signal de cabeça.

O marido de Lola fazia então uma viagem com a sua carroça e as suas quatro bestas.

— Domingo quero ir confessar-me, disse Lola, porque essa noite sonhei com uma gallinha preta.

— Não faça isso, replicou Turiddu.

— Não, tenho que ir. A Paschoa está perto e meu marido teria razão de se admirar sabendo que não fui á desobriga.

— Ah! murmurou Santa, a filha de mestre Cola quando esperava por sua vez proximo ao confissionario, em que Lola fazia a lixivia dos seus peccados. Por minha vida eu te arranjarei uma boa penitencia sem que tenhas necessidade de ir a Roma!

Compadre Alfio chegou com sua carroça e suas bestas carregado de dinheiro, trazendo de presnte á sua mulher um bello vestido novo para os domingos.

— Você tem muita razão de lhe trazer presentes, disse-lhe a visinha Santa, pois que na sua ausencia sua mulher tambem lhe fez bellos presentes.

Compadre Alfio era um desses carroceiros que trazem o bonnet carregado sobre uma orelha. Ouvindo o que lhe dizia Santa, mudou de cor como se lhe houvessem dado uma facada.

— Pelo santo nome de Deus, gritou elle, se você viu mal, se você está mentindo eu só deixarei a si e aos seus os olhos para chorar!

— Não estou acostumada a chorar, replicou a moça. Eu não chorei nem mesmo quando vi com estes mesmos olhos Turiddu, o filho de nhá Nunzia, entrar á noite na casa de sua mulher.

— Está bem, murmurou Alfio. Obrigado!

Turiddu, agora que o dono da casa voltara não passeava mais durante o dia defronte da casa; esperava pela noite na estalagem, com os seus amigos. Ora na vespera da Paschoa estavam todos juntos a comer um prato de salsichas quando Alfio entrou. Pelo modo porque elle o olhou, Turiddu comprehendeu o motivo que o trazia e collocando o garfo á beira do prato, perguntou:

— Deseja alguma cousa, compadre Alfio?

— Ha tanto tempo que não nos vemos, compadre Turiddu. Desejaria dizer-lhe uma cousa em particular.

Turiddu offerecera-lhe o seu copo, mas compadre Alfio repellira-o. Levantando-se Turiddu, disse-lhe:

— A's suas ordens, compadre Alfio.

O carroceiro lançou-lhe os braços sobre os hombros.

— Se você quizesse amanhã ir commigo até o compo, no logar em que ha aquellas figueiras da India poderiamos conversar mais á vontade.

— Pode me esperar no caminho, bem cedinho e iremos juntos.

Pronunciando essas palavras trocaram o beijo do desafio. Turiddu apertou entre os dentes o lobulo da orelha do carroceiro fazendo-lhe assim a solenne promessa de não faltar ao compromisso.

Os amigos, sem pronunciarem uma palavra, deixaram o prato de salsichas e acompanharam até sua casa a Turiddu. A pobre nhá Nunzia esperava-o todos os dias, até tarde.

— Mamãe, disse-lhe Turiddu, lembra-se quando eu parti para fazer o serviço militar. A senhora não acreditava então que eu voltasse. Dê-me um beijo como o que me deu então, porque amanhã tenho que ir bem longe.

Pela madrugada tomou a sua grande faca que elle só abandonava quando partia para o regimento e caminhou para a estrada.

— Jesus! Onde é que você vai tão cedo e com essa pressa, perguntou Lola espantada quando vio os preparativos do marido.

— Vou a um logar perto d'aqui; mas para você bem melhor seria que eu não voltasse...

Lola, em camisa, orava aos pés da cama, com o rosario que Frei Bernardo lhe trouxera da Terra Santa passando-lhe as contas todas entre os dedos agitados.

Compadre Alfio, disse Turiddu depois que caminhavam por algum tempo, por Deus, eu o confesso, fiz mal e certamente eu me deixaria matar por você como é de justiça; mas antes de vir para cá vi minha mãe que se levantara tão cedo sob o pretexto de limpar o gallinheiro, mas na verdade para ver-me antes de partir como se o seu coração a previnisse dos motivos da minha sahida tão fora de horas. Por isso e tão certo como existe no ceu um Deus eu matal-o-ei como a um cão para que a minha velha não chore.

— Está bem, disse compadre Alfio tirando o paletot; combateremos assim melhor.

Eram ambos de grande agilidade. Turiddu recebeu o primeiro golpe e teve a sorte de sustel-o no braço. Investiu furioso e feriu Alfio na virinha.

— Ah! Compadre Turiddu você está na verdade com vontade de matar-me.

— Eu bem o preveni. Depois que vi minha velha esta madrugada, parece-me sempre tel-a diante dos olhos.

— Abre-os então bem, gritou compadre Alfio. Vou fazel-o ver uma cousa boa agora.

E como se conservasse em guarda, todo agachado, a mão esquerda sobre o ferimento que lhe doia, tocando quasi o solo com o cotovello, agarrou vivamente um punhado de terra e lançou-o sobre os olhos do adversario.

— Ai! gritou Turiddu levando aos olhos as mãos, estou morto.

Procurou fugir saltando para traz mas compadre Alfio alcançou-o e dando-lhe um golpe no estomago e outro na garganta, derrubou-o.

— Tres! gritou triumphante. Isso pela traição que me fizeste com Lola! Tua velha não mais irá ao gallinheiro.

Turiddu ainda fez, cambaleante alguns passos. Cahiu depois como uma massa. O sangue sahia da garganta aos borbotões não deixando que a bocca lhe chegasse as ultimas palavras: «Ah! Mamãe!»

* * *

Giovanni Verga é natural da Sicilia, nasceu em 1840. Escreveu os romances: *Eros*, *Eva*, *Os Malavoglia*, *O marido de Helena*, *De mim a ti*, *Mestre Don Gesualdo*, *Tigre Real*; os dramas: *Al lobo*, *A caça á raposa*, *A caça ao lobo*; varios volumes de contos entre os quaes: *A vida campezina* onde se encontra *Cavalleria rusticana*, que naturalmente os nossos leitores conhecem da opera de Mascagni.

Verga é um dos mestres do naturalismo italiano.

Vende-se em todas as bôas casas de perfumarias.

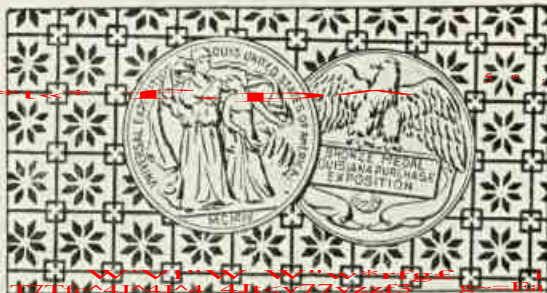
Um pequenote, um dia em que seu pae recebia varios amigos para jantar, quiz por força sentar-se á mesa tambem, mas o pae repelliu-o dizendo :

— Vae lá para dentro. Você não tem barbas ainda para jantar comnosco.

O pequeno foi queixar-se á mãe, e esta para o consolar sentou-o sosinho a uma mesinha de jogo e deu-lhe ali o jantar, servido por ella mesma. Quando elle estava já á sobremesa, o gato da casa saltou para uma cadeira ao seu lado, pondo as patas sobre a mesa a farejar o queijo, mas o pequenote, indignado, repelliu-o gritando :

— Vae-te embora daqui. Olha, vae jantar com o papae e os outros. Você já tem barbas.

Em todos os estados — Em todo o interior

RUA SETE DE SETEMBRO, 79 — RIO DE JANEIRO

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dores e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE.

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

Rua do Riachuelo, n. 430 RIO DE JANEIRO

(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados :

A SAUDE DA MULHER, BROMIL, BORO-BORACICA E DEPURATIVO LYRA